

Universidade Federal de São Paulo  
Curso de Ciências Sociais  
Campus Guarulhos

**Pimentas e suas imagens:  
Estudo sobre a construção vivida e simbólica do espaço urbano de um bairro  
"periférico" da cidade de Guarulhos**

Aluna: Bárbara Sá

Orientadora: Andréa Barbosa

Guarulhos  
**Novembro de 2010**

## Índice

Resumo

Introdução

Onde começa o Pimentas?: Contextualização da região estudada

Sentidos e relações que constroem o Bairro

O que faz do pimentas O Pimentas? Construção social do espaço urbano

Algumas memórias

Pimentas e suas imagens

Periferia é periferia? Mas de que periferia estamos falando?

Ainda outras reflexões

Bibliografia

Filmografia

Anexos

## **Resumo:**

Os caminhos trilhados por este trabalho buscaram problematizar a visão que permeia o senso-comum de que as privações, ausências de equipamentos urbanos e da ação social do Estado são os únicos definidores da vida *da e na* periferia. Para compreender suas complexidades, realizamos estudo etnográfico do Bairro dos Pimentas, uma região da cidade de Guarulhos que é classificada como periférica.

A pesquisa buscou perceber como os atores sociais articulam suas trajetórias distintas à identidade do bairro em seus discursos e práticas, e como suas interações fazem dos pimentas, O Pimentas, um bairro construído a partir de relações que vão além da sobrevivência e que o singulariza.

Nesse sentido, buscamos refletir sobre as relações de identidade e alteridade construídas no bairro, resgatando a memória da região e as relações de sociabilidade entre seus moradores, que se mostraram reveladoras das experiências urbanas que permeiam o cotidiano dos moradores no bairro estudado.

Articulado ao trabalho etnográfico realizamos diversos ensaios fotográficos, que foram fundamentais no sentido de perceber paisagens, evocar recordações, situações e lugares que não estão apenas no que é dito, mas que estão inscritos nos corpos, gestos e na memória, ou seja, nas relações e sentidos de quem vive nos Pimentas.

As imagens do bairro de ontem e de hoje foram trazidas para a pesquisa no intuito de provocar uma interlocução que ultrapassasse o primeiro discurso já conhecido por todos que moram aqui ou não: o discurso da periferia carente e ausente.

**Palavras-chave:** Antropologia urbana, Antropologia visual, Guarulhos, Bairro dos Pimentas, Periferia, Sociabilidade urbana.

## Introdução

“Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida *aprendendo* a ver. O mundo não nos é dado construímos nosso mundo através de experiência, classificação, memória, e reconhecimentos incessantes”

Oliver Sacks

O interesse por esse tema surgiu antes do meu ingresso na universidade, mas quando participei de reuniões com colegas da região para discutir intervenções no bairro e o “resgate” de sua memória. Como a vida dá muitas voltas, nos vimos envolvidos nos estudos para o vestibular e deixamos de lado nossos planos.

Contudo, foi também nessas voltas que ao entrar para a primeira turma do Curso de Ciências Sociais da UNIFESP que tive contato com a pesquisa “*Onde São Paulo acaba? Estudo sobre identidades construídas nos fluxos cotidianos entre Guarulhos e São – Paulo*” da antropóloga Andréa Barbosa e com o VISURB - Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas também coordenado por ela na UNIFESP. Partindo dessa temática mais geral me propus a estudar uma Guarulhos que “começa” por sua periferia, como almejava antes da universidade, mas agora com ferramentas teóricas e metodológicas, e também, com um enorme desafio de desnaturalizar o conhecido.

Iniciar esta pesquisa exigiu um esforço não apenas metodológico, mas de enfrentamento, isto é, encarar a dificuldade de desnaturalizar o conhecido, pois moro nos Pimentas desde os seis anos de idade e alguns dos meus familiares praticamente "fundaram" o bairro onde vivemos.

Não posso negar que estou inserida em uma rede de sociabilidade, pois como nos fala Certeau “o bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua, é efetuar antes de tudo um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes” (Certeau, 2005, p.43).

Todavia, apesar de compartilhar lembranças e reconhecer muitos códigos que hierarquizam esse espaço a minha familiaridade com os cenários e situações cotidianas, não me dá compreensão imediata dos diversos significados atribuídos por cada ator que faz desse espaço físico, um espaço social, afinal a diversidade faz parte do espaço urbano.

Estranhar o familiar foi o primeiro passo dessa pesquisa, pois como nos inspira a pensar Gilberto Velho “o fato de dois indivíduos pertencerem a mesma sociedade não significa que estejam



mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes” (Velho, 1981: 124-125). Nesse sentido, o que parecia um limite, conforme eu me apoiava na pesquisa bibliográfica e me aprofundava no trabalho de campo, mostrava-se algo favorável.

Durante a pesquisa, vivenciei várias situações nas quais minha inserção na região facilitou minha aproximação e a confiança de meus interlocutores, mas que também exigiram esforços de distanciamento e de rompimento com os discursos prontos que falavam mais deles para mim do que sobre eles e o bairro.

Dialogando com os textos escritos, o uso de recursos imagéticos, sobretudo a fotografia, não se encerrou em uma questão metodológica, tampouco em ilustração ou comprovação de que eu estive “lá” ou melhor “aqui”.

Nesse contexto, o uso e a produção de imagens constituíram-se em ferramentas privilegiadas, seja pelo “poder” de reativar a memória dos moradores estabelecidos a mais tempo, já que a fotografia pode ser tanto um *espelho da memória* (Andrade, 2002) “denunciando” as transformações urbanas ocorridas, ou até mesmo como provocadora do diálogo durante a pesquisa, possibilitando a minha aproximação<sup>1</sup>.



1.

“Pimentas e suas memórias”. Estrada Juscelino Kubitschek de Oliveira no final dos anos 80. Principal acesso ao Bairro dos Pimentas, essa via passa por significativas transformações, nela atualmente encontra-se o principal eixo comercial da região, além de instalações recentes de agências bancárias, do Shopping Bonsucesso, de inúmeras lojas de material de construção que fornecem os insumos básicos do crescimento urbano, evidenciado pelo surgimento (também recente) de conjuntos habitacionais de iniciativas governamentais e privadas. 1989, fonte: Arquivo Histórico Municipal.

---

1 Interessante perceber que essa estratégia também é utilizada pelo cineasta Eduardo Coutinho em seu filme Boca de lixo (1993)



Algumas imagens mais recentes da JK, como é conhecida, que mostram a intensa atividade comercial e algumas transformações na sua paisagem urbana. 3/052010. Autora: Bárbara Cristina Sá

Como propõe Etienne Samain a escrita indica e define o que a imagem é incapaz de mostrar. A fotografia mostra o que a escrita não pode enunciar claramente. Palavras, escritas, imagens são “formas inteligentes, singulares e complementares, de que dispomos para *representar* as representações da “realidade” (Samain, 2004: 61).

As imagens produzidas propuseram-se a mostrar um Pimentas de “fora para dentro”, por isso nos ensaios fotográficos que realizei ou mesmo entre as fotos coletadas no arquivo histórico ou emprestada pelos meus interlocutores, selecionei num primeiro momento, as principais estradas que dão acesso ao bairro e as fachadas do bairro, visando enquadrar essa primeira vista que as pessoas “de fora” têm do Pimentas. Posteriormente, busquei imagens no sentido inverso, ou seja, de “dentro para fora”. E encontrei imagens aparentemente “familiares”, mas que me trouxeram reflexões nunca antes imaginadas sobre os seus significados.



Como por exemplo, descobri que as roupas estendidas no varal é um sinal de que “hoje tem água da rua”, pois no bairro a distribuição de água é feita pela manhã e em dias alternados, e por isso as roupas estendidas avisam pra quem chega depois que também pode lavar suas roupas, o carro, dar banho nos cachorros, lavar a calçada e etc.

“Hoje tem água da rua”, 22/08/2009, Autora: Bárbara Cristina Sá.

São aspectos que podem passar despercebidos, contudo indicam estratégias de vida, sentidos e apropriações do espaço urbano no cotidiano da vida, e por isso um olhar atento é indispensável nesse processo de desnaturalização do olhar e de construção etnográfica. Afinal, como nos fala Antônio Arantes “assim como a antropologia, a fotografia tem um observador participante que escava detalhes e fareja com seu olhar o alvo e o objeto de suas lentes e de sua interpretação” (Arantes, 2000: 31-32)

### **Onde começa o Pimentas? Contextualização da região estudada.**

Guarulhos é a segunda maior cidade do Estado, além de ser a maior cidade não-capital e a oitava economia do país, com uma população de 1.299,283, segundo o Censo de 2009, é a segunda cidade mais populosa de São Paulo e a décima segunda do Brasil. A 17 km da capital integra a região metropolitana de São Paulo de forma “estratégica” dada sua proximidade, mas também de maneira dependente. Como observou Carlos José Ferreira dos Santos (2006) a cidade de Guarulhos ficou conhecida apenas por abrigar o aeroporto internacional mais movimentado do país, e se não fosse isso passaria despercebida, relegada a mera periferia de São Paulo.

Por esse motivo, o autor argumenta que Guarulhos “Se constituiu num prolongamento da capital paulista, definindo-se por essa localização privilegiada que prepara seu desenvolvimento, como revelam as rodovias e o Aeroporto Internacional de São Paulo presentes em seu território” (Santos, 2006: 29).

A historiografia local revela que Guarulhos teve sua origem político-administrativa no Séc. XVI como elemento de defesa do povoado de São Paulo, porém mesmo passado muitos anos, essa relação de dependência pode ser percebida na maneira como Guarulhos é noticiada e enaltecida por seus governantes, que na maioria dos casos referem-se exclusivamente a condição geográfica de proximidade da capital.

*“Assim partimos da concepção de que existe uma tendência na construção de uma identidade de Guarulhos que vem orientando a atuação político-administrativa no transcorrer da história do município e que o concebe como “um apêndice e prolongamento” de São Paulo determinado por sua localização geográfica. No entanto, parece-nos que essa noção tão divulgada merece alguns*

*questionamentos. Podemos considerar adequado e satisfatório o conceito de que Guarulhos possui um único caráter e que este é determinado por sua função de “periferia” e/ou “prolongamento” da metrópole? Se é assim, não teria imperceptivelmente se integrado a ela nos últimos anos? Ou ainda constitui de fato uma “cidade” com identidade própria?” (Santos, 2006: 32-33)*

O autor não busca negar as influências da localização geográfica e a dependência do município em relação à capital, mas procura discutir os efeitos dessa caracterização. Nesse sentido, compartilho dos questionamentos expostos por Santos, contudo é preciso problematizar ainda mais essa “relação periférica”, quem sabe até afastada desse caráter negativo e vista mais como uma vantagem, seja para os administradores e empresários guarulhenses ou pelos próprios moradores que enxergam essa proximidade como um vasto campo de possibilidades. Já que oferece, por exemplo, mais oportunidades de empregos e de espaços de lazer.

Em uma comunidade do Orkut, nomeada Guarulhos que possui aproximadamente 39.800 membros, uma usuária perguntou se “Alguém tem dicas pra postar sobre Guarulhos”, já que a mesma estaria na cidade em julho de 2009. Das quatro respostas, somente uma indicava lugares na cidade, além de ônibus que se dirigiam a bairros paulistanos. As outras citavam lugares em São Paulo e como chegar a eles.

Certa vez, em uma conversa informal durante um percurso para a Armênia com uma moradora dos Pimentas, por acaso, após referência ao assuntos cotidianos, ela começou a me contar sobre seus constantes deslocamentos entre São Paulo e Guarulhos, e o que mais me chamou atenção foi a visão positiva que a proximidade entre as duas cidades representava para esta jovem estudante de Administração:

- “Gosto de Guarulhos justamente porque é perto de São Paulo, tem coisa melhor? Do lado de uma grande metrópole e que tem de tudo. Eu sempre trabalhei em São Paulo é lá que eu passeio, vou para a balada com os meus amigos, faço faculdade... tem muitas oportunidades”.

A identidade que é construída pela historiografia municipal refere-se exclusivamente ao o Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, atual Guarulhos que normalmente escutamos os cobradores das lotações anunciarem nos pontos de ônibus. Os bairros mais afastados não são mencionados nessas narrativas, dando impressão que a Guarulhos que hoje conhecemos surge na região central e dela se expandiu. Todavia, análises recentes atestam a existência de unidades mais antigas que o “centro”, mas que são marginalizadas nesse processo de reconstrução

histórica das origens.

Como aponta Carlos José Ferreira dos Santos há fontes ainda inéditas para a historiografia da cidade que apontam para a presença de um outro aldeamento denominado São Miguel, tão antigo quanto o Aldeamento de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos. Contudo, o autor alerta que esse aldeamento não é o mesmo que existia em São Miguel Paulista. Santos argumenta que este aldeamento não mencionado na versão oficial, corresponde atualmente à região do Pimentas, e uma de suas marcas de existência é um bairro, inclusive próximo a UNIFESP, chamado São Miguel na região dos Pimentas.

Nesta pesquisa realizei um estudo etnográfico de uma da região dos Bairros dos Pimentas, que no discurso cotidiano, começa onde o “ônibus faz a curva”, uma adaptação de um dizer popular que designa lugares muito longe, “fim-de-mundo” e onde “o vento faz a curva”, já que quase ao final da Estrada Juscelino Kubitschek de Oliveira é necessário virar a esquerda junto a Estrada do Sacramento para chegar neste lugar.

No decorrer do trabalho, descobri que parte desta região, não integrava os Pimentas, mas que havia sido nomeada como Itaim, por se localizar próximo do bairro paulistano de mesmo nome. Essa foi sem dúvida uma grande surpresa, pois como moradora do bairro jamais desconfiei que o jardim Jacy, Vila Any e Guaracy<sup>2</sup> era Itaim, tanto que questionei outros moradores e todos sem exceção concordavam com minha surpresa quanto essa divisão político-administrativa, por isso optamos nesta pesquisa pela identificação comum e nos referimos a essa região como Pimentas, de acordo com o sentimento de pertença dos moradores locais.

*“Assim ao que tudo indica, os habitantes da área pertencente aos Bairros dos Pimentas-Itaim, pelo menos por todo território colonial e imperial, experimentaram um desenvolvimento diferenciado em relação ao núcleo central da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos” (Santos, 2006: 49)*

O Pimentas fez parte das áreas que não interessavam à exploração colonial, e que tiveram processos urbanos distintos dos bairros centrais, “reforçando a tese de que existem múltiplas identidades que constituíram socioespacialmente o futuro município de Guarulhos em contraposição à caracterização única de sua estruturação” (Santos, 2006: 49)

E assim como bairros distantes do núcleo central “se constituiu mais como periferia metropolitana do que de Guarulhos e com características identitárias diferenciadas das costumeiramente assinaladas para caracterizar o município como cidade” (Santos, 2006: 166)

---

2 Além de outros 14 loteamentos.

E quanto mais complexa esta questão se apresenta, para esse estudo ela tornou-se ainda mais interessante, pois nos fez pensar até que ponto Guarulhos é uma unidade e aponta outras relações de identidade e alteridade não só entre Guarulhos e São Paulo, mas no interior do próprio município, especificamente entre SP e os Bairros dos Pimentas. Pois, se por um lado Guarulhos estabelece uma relação ora periférica de simples alongamento, ora privilegiada com a metrópole, os Bairros dos Pimentas e "Itaim", reorganizam esta relação no interior do próprio município e estabelecem suas próprias relações com São Paulo, principalmente com a zona Leste.



Divisa dos municípios de Guarulhos e São Paulo, na verdade Bairro dos Pimentas e São Miguel Paulista, unidos e separados pela ponte que fica acima do Rio Tiête. 10/03/2009. Autora: Bárbara Cristina Sá.

A proximidade geográfica de 5,6 Km, é um dos motivos que leva os moradores dos Pimentas aos bairros paulistanos de São-Miguel e Itaim Paulista. Afinal qual morador do Pimentas que jamais foi a pé ou de bicicleta, ou até de balsa, como recordam moradores antigos, para estes bairros? Enquanto que para o centro se diz que vai à Guarulhos, como se não estivesse na própria cidade.

É comum ouvir nos depoimentos dos moradores mais antigos referência aos bairros paulistanos. Nas diversas perguntas que fiz quanto à preferência de deslocamento seja para usufruir de serviços diversos ou para aproveitar o fim-de-semana, os bairros do Itaim Paulista e de São Miguel apareceram disparados.

Essas relações identitárias ou até mesmo utilitárias são visíveis nas ações cotidianas daqueles que se deslocam por diferentes motivos. Percebi também, que a maioria dos moradores mais antigos, antes de construir suas casas no bairro, residiram em São Paulo, principalmente nos bairros mencionados.

Esta é uma fronteira mais estreita, inclusive simbólica, que resulta das relações socialmente construídas ao longo do tempo e que vai além do que é proposto pelas demarcações. Conversando



com diferentes pessoas, percebi que a relação construída entre os moradores desses dois bairros, teve como base a oferta de infra-estrutura urbana. Por exemplo, geralmente caminhava-se até o Itaim ou até São Miguel para de lá pegar ônibus até o centro de Guarulhos.

O bairros paulistanos tornavam-se até mesmo referências para o futuro, pois ao ver o crescente desenvolvimento de São Miguel e do Itaim, os moradores acreditavam que os Pimentas poderiam ter um destino melhor. Essas relações identitárias ou até mesmo utilitárias são visíveis nas ações cotidianas daqueles que se deslocam por diferentes motivos. Percebi também, que a maioria dos moradores mais antigos, antes de construírem suas casas no bairro, residiram em São Paulo, principalmente nos bairros mencionados.

As relações entre os bairros paulistanos e o Pimentas são notadas de diversas maneiras, são relações construídas ao longo do tempo, seja pelo deslocamento que muitos faziam até os bairros para chegarem aos seus trabalho, inclusive durante muitos anos para chegar a Guarulhos os moradores dos Pimentas iam até São Miguel. São relações que rompem as fronteiras político-administrativo e reforçam os laços de identidade e familiaridade entre as duas regiões.



"Pimentas e São Paulo tudo junto e misturado". 03/05/2009. Autora: Ana Lúcia de Oliveira Aguiar.

Estas fronteiras são mais estreitas que as pontes que atravessam o Rio Tietê entre as duas cidades, inclusive simbólicas, que resultam das relações socialmente construídas ao longo do tempo e que vão além do que é proposto pelas demarcações oficiais. São relações que rompem as fronteiras político-administrativas e reforçam os laços de identidade e familiaridade entre as duas regiões. Por essas razões, não podemos tomar o Pimentas como um espaço geográfico, caracterizado apenas pela estrutura física ou definições político-administrativas, mas como uma construção humana que carrega sentidos, experiências e trocas, nas relações sociais vividas e simbólicas.

## **Sentido e relações com o bairro.**

O bairro que tinha pouco mais de dez casas e aproximadamente 200 moradores em 1947, teve seu processo de urbanização influenciado pela construção da Rodovia Presidente Dutra em 1950, sobretudo pelo crescimento industrial que essa via proporcionou, aliás [...] vários bairros de Guarulhos também se constituíram a partir das décadas de 1950 e 1960 em regiões distantes do núcleo central, com fortes características periféricas e a partir da atuação dos agentes imobiliários, abrigando a grande parcela da população de Guarulhos (Santos, 2007: 19-20).

É válido também, ressaltar o papel importante da migração, sobretudo nordestina e também da região metropolitana para o bairro. Todavia, um importante expoente desse crescimento foi a construção da Nitroquímica e de seu bairro operário no Jardim Helena, em São Miguel Paulista. A fábrica oferecia moradia aos seus operários e empregava vários moradores dos Pimentas, porém quando a "Nitro" cessou a construção das casas, a maioria de seus trabalhadores foi em busca de terrenos mais baratos e próximos do local de trabalho. Foi nesse contexto que muitos acabaram mudando para "o lado de lá da ponte", como comentou Aristides Franco, aposentado que trabalhou toda a sua vida na Nitroquímica, atual Votorantim.

O primeiro vilarejo oficial dos Pimentas, chamado de Jardim Paulista surgiu em 1961 e logo após, em 1963, surgiu também o Jardim Arujá. O primeiro telefone público chegou em 1980 e a iluminação pública em 82, junto com a Rodovia dos Trabalhadores. Como lembra Alfredo Carias em reportagem ao jornal local, só havia 20 casas, não tinha escola, iluminação e nem transporte público.

Como recorda Olímpia que em 1998 já morava na Vila Any há 40 anos, quando sua família chegou havia uma olaria e três casas. Infelizmente, quando tentei encontrá-la para conversarmos sobre o bairro, perceber se suas opiniões tinham mudado, soube por intermédios de amigos que a mesma havia falecido a pouco tempo. Tal fato me fez pensar nas palavras de HanPateBá sobre a sociedade africana, lá quando um velho morre é uma biblioteca que se queima. Enquanto aqui como ressaltou Ecléa Bosi (1994), os idosos não são tão escutados e até certo ponto esquecidos pelos mais jovens.

Por coincidência, tentando descobrir o que havia acontecido com as olarias da região, fui conversar com uma colega chamada Gilda que mora no Guaracy há 20 anos, na verdade quando se mudou pra lá, o bairro nem tinha ainda esse nome. Disse que morava na zona Leste de São Paulo e que quando estava prestes a casar, seu noivo disse que ia comprar um terreno a 10 minutos da estação, ela imaginou que seria próximo da casa da sua irmã que morava no Itaim.



Ela nem se preocupou e logo o Régis (seu esposo) fez o negócio. Foi então reaproveitando algumas paredes do negócio que tinha ali que a casinha de poucos cômodos foi sendo levantada. Confiante na localização de seu imóvel, Gilda nem se adiantava em ver as obras, conhecer o bairro. Até que certo dia, já grávida de 8 meses, precisou receber os móveis da “casa nova”, chamou seu primo que conhecia o local e foram a pé.

“O lugar nunca chegava, só tinha mato e terra”, me contava em gargalhadas, “E quando eu vi minha casa, naquele matagal, cheio de bloco, porque ali era uma antiga olaria, quis morrer ali mesma, e pior que nem poderia reclamar, porque o Régis sempre me chamava e eu boba acreditando em seus 10 minutos achava que tava tudo bem”. Perguntei se ela se arrepende mesmo hoje em dia, e ela disse que sim, se pudesse sairia daqui, mas suas filhas e marido não querem. Por ela, sua família moraria próxima a casa de suas irmãs na zona leste paulistana.

No curso dessa pesquisa fiz diversas vezes os trajetos que ligam o Pimentas aos bairros de São Miguel e Itaim Paulista, separados ou unidos pelo Rio Tietê, que mesmo com a estrada asfaltada dá um pouco mais de 10 minutos, recordando a vantagem contada pelo Régis.



Ponte muito precária que liga Itaim Paulista e o Itaim, região guarulhense que recebeu esse nome pela proximidade entre os dois bairros, mas do lado guarulhense esse nome não pegou muito não, pois o mesmo é identificado como Pimentas pelos moradores. 20/07/2009 Autor: Felipe Afonso

Marcados por habitações irregulares, pontes antigas, estreitas e com pouca estrutura. Durante esses percursos, a situação de pobreza dos moradores me inquietava, uma vez que eles estavam em um espaço geograficamente privilegiado, pensando na proximidade com o bairro paulistano que dispõe de uma infra-estrutura urbana mais qualificada, como as estações de trem próximas as suas moradias. Na verdade o que notei é que essa proximidade não oferece privilégios, mas é marcada pelo esquecimento, como ouvi de muitos com quem tive oportunidade de conversar.

Percebi ao longo desse trabalho que alguns lugares tem seus significados compartilhados pelos moradores antigos e que são passados aos mais novos em um passado sempre lembrado e recriado que mapeia certos pontos do bairro fornecendo-lhe sentido. Esses pontos, literalmente falando, são evocados geralmente como pontos de encontro, referência, pontos de ônibus, alguns oficiais e outros não. São lugares simbolicamente construídos e espaços que não existem de fato, mas que sobrevivem simbolicamente.

São o Bar do Ponto (Guaracy), Escolinha e Posto (Vila Any), Caixa d'água e Madeireira (Tupinambá) e Bagaça (Juscelino Kubitschek), por exemplo, que deixaram de existir e que hoje em seus lugares estão igrejas, casas ou até o terreno abandonado com resquícios de sua existência, mas que ainda fazem sentido para as pessoas no seu cotidiano. São também lugares simbolicamente categorizados, como a Rua do Crime (Rua Itapurás), ou com nomes reapropriados como Estradão (Estrada do Itaim), Pontilhão (em baixo das pontes da Ayrton Senna), escadão (viela no Tupinambá), Português (loja de material de construção, no Tupinambá).

São as “pedras da memória” que permanecem e sustentam a memória, como nos inspira a refletir Ecleá Bosi, configurando um mapa simbólico que participa do cotidiano dos moradores e que atravessa gerações. São lugares que enganam os visitantes, como falou em gargalhadas uma vizinha que acabou de se mudar para o bairro e demorou a se adaptar as essas referências.

Viviane morava no bairro a duas semanas quando resolveu mudar o caminho, ela trabalha em São Paulo e costumava ir até a Armênia para pegar o metrô, mas nesse dia quis testar um percurso indicado por outra vizinha, ela foi até o Itaim para pegar o trem e fazer baldeação na estação Brás. Como a avenida que liga o bairro ao Itaim é fora da rota da Juscelino Kubitschek e conseqüentemente da Rodovia Presidente Dutra, caminho conhecido por Viviane, ela pediu um local de referência para voltar, pois nunca tinha feito esse trajeto e ainda precisava passar na casa de sua tia. Não foi fácil! Ela me contou seu drama:

- Segundo a Dona Neusa eu ia pedir pra descer no Bar do Ponto e pedi, mas quando desci cadê o tal bar? Procurei, rodei, andei 10 minutos e nada, só algumas igrejas, uma locadora, um açougue, tudo! Menos o tal Bar do Ponto. Entrei em pânico, já era tarde da noite, não conhecia nada aqui, comecei a chorar e ligar pro meu esposo que na época trabalhava até tarde na Paulista, para ele localizar no Google onde eu estava, se eu precisava pegar outra condução... De repente apareceu um senhor bem simpático e perguntei pra ele onde ficava o Bar do Ponto, aí pra minha surpresa ele me disse, você está na frente dele. Como assim eu perguntei? Até pensei que ele fosse cego ou louco, pois eu estava na frente de uma igreja evangélica muito diferente de um Bar. Aí ele percebeu que eu não era daqui e explicou que antigamente ali ficava o Bar do ponto, mas há muito tempo atrás, mas

mesmo assim todo mundo dá essa referência. Aí ele me mostrou como eu fazia pra chegar na rua que a minha tia mora. Menina, mais que situação! (em gargalhadas).

Além das péssimas condições de infra-estrutura urbana, o bairro foi se destacando na cidade como uma área muito violenta. Nas palavras de um morador chamado João:

- “Ah se você falasse que era dos Pimentas, ninguém te arrumava emprego não! Já te olhavam logo com a cara torta. Mas eu não tiro a razão não. Toda semana a gente ouvia dizer que “mataram fulano”, achavam os corpos na lagoa, fora as carcaças dos carros, na época fusquinha, perua. Era um perigo mesmo”.

Quando questionei “Seu João”, sobre os dias atuais, sua resposta foi rápida e nos apresenta um cenário complexo “Hoje é diferente o Pimentas é uma cidade e não tem mais dessas coisas não. O povo aqui tá civilizado”.

Atualmente são visíveis as transformações urbanas que o bairro vivencia “tá tudo mudado e melhorou bastante, temos hospital, escolas, universidade e até o shopping perto de casa” como nos falou Carias, outro morador.

Essas transformações dividem opiniões, outros moradores antigos, falam com saudosismo de “sua época” quando podiam andar tranqüilamente pelo bairro, deixavam as portas abertas enquanto conversavam com os amigos na rua ou iam até o comércio. Segundo Neco, você podia deixar sua bicicleta oito dias na porta de casa que ninguém mexia. Agora não, diz ele:

- “Se você deixar uma pá na calçada o pessoal já leva embora!”

Acompanhei algumas plenárias do orçamento participativo<sup>3</sup> nos Pimentas, uma delas no Teatro Adamastor Pimentas dentro do campus da UNIFESP, onde muitos entravam pela primeira vez. O atual prefeito, em seu discurso anunciou as políticas públicas para a região “Vou trabalhar para que o Pimentas continue bonito e que o progresso continue acontecendo”.

No artigo “O lugar onde as pessoas chegam antes que cidade” Renato Cymbalista (2000) escreve como se dá o movimento de ocupação dos bairros periféricos, contrastados com a urbanização de bairros que acolheram pessoas com maiores recursos financeiros. Marcado pela ausência, como também nos fala a antropóloga Eunice Durham em texto sobre a periferia, essa “outra cidade, que supria a gigantesca demanda por localizações por parte dos mais pobres, obedece uma lógica de constituição quase inversa à dos 'bairros bons', ou seja, aquilo que foi considerado adequado, salubre e por fim regular” (Durham, 2004: 46).

---

3 O orçamento Participativo é uma política da prefeitura de Guarulhos que reúne governantes e moradores por região para discussão e indicação de prioridades para cada uma, e de conselheiros e delegados que fiscalizarão o andamento das obras.



"Presença da ausência". Na ausência de infra-estrutura públicas os próprios moradores controem banquinhos para baterem papo no final de tarde ou simplesmente verem o movimento, 30/08/2009. Autora: Bárbara Cristina Sá.

Entretanto, voltando as palavras do prefeito “O Pimentas ganhou a primeira universidade pública de Guarulhos, mas agora é preciso o deixar com a cara de cidade universitária”, justificando as obras de melhorias no entorno. Nesse ponto surge outra inquietação, o Pimentas tornou-se o lugar onde a universidade chegou antes da cidade?

Ingressei na UNIFESP em 2007, na primeira turma de Ciências Sociais da universidade, desde então percebo em grande parte dos alunos e professores falas e ações preconceituosas, desgostosas com a localização "fim-de-mundo" do campus. Diversas vezes essas falas me inquietaram e me provocaram diretamente, pois não apenas pesquiso moro no bairro e por isso muitas vezes tive que me concentrar e silenciar minhas opiniões pessoais para não atrapalha o desenvolvimento da mesma, mas não é facil ouvir tanto desmerecimento.

No início do ano letivo muitos calouros usam a comunidade dos cursos do campus no orkut para trocaram ideiais, conseguirem vagas em repúblicas, tirarem dúvidas com os veteranos, na do nosso curso muitas falas me chamaram atenção. Tudo começou quando as pessoas comentavam sobre possíveis casas e apartamentos para alugar, uma das usuárias<sup>4</sup> perguntou sobre se “o bairro é bunitinho? pq os arredores da unifesp, meu deus, dificil achar algo né? =/ ” E as respostas sinalizam essas questões:

- Perto da unifesp nao tem nada bonitinho viu.
- O **centro** é ótimo! Tem shopping, c&a, riachuello, marisa e várias lojas perto, além de farmácias, padarias! Muito bonitinho também! (grifos meus)
- nossa, vou dar uma olhada no centro, pq perto da facul não da. meu pai odio ㄟㄟ
- Mais morar pro centro é bem longe, vc vai ter que enfrentao transito gigantesco, pegar onibus. Por mais que perto da faculdade nao seja bonito, lá tem tudo tbm banco, farmacia, supermercado, padaria, academia. Só o bairro que nao é bonito, mas tem tudo lá

---

4 Prefiro manter em sigilo a identidade dos comentadores, alguns colegas de curso afim de adotar uma postura ética.

Ao meu ver, esse preconceito é gerado não só por sua distância geográfica, mas representa também uma distância social e simbólica. A periferia não é só um lugar caracterizado por sua condição geográfica, mas que representa uma distância social, cuja imagem socialmente construída sobre os bairros periféricos qualifica-os por suas inúmeras necessidades, como *locus* da carência e do vazio a ser preenchido.

*“A população pobre está em toda parte nas grandes cidades. Habita cortiços e casas de cômodos, apropria-se das zonas deterioradas e subsiste como enclaves nos interstícios dos bairros mais ricos. Mas há um lugar onde se constitui a expressão mais clara de seu modo de vida. É a chamada 'periferia'”*  
(Durham, 2004:382)

A imagem socialmente construída sobre os bairros periféricos qualifica-os por suas inúmeras necessidades, como *locus* da carência e do vazio a ser preenchido. E, nesse sentido, não está apto a abrigar uma universidade pública frequentada pelas camadas médias com realidades alheias a vida no bairro, como muitos afirmaram em conversas e tópicos na internet.

Muitos moradores também se referem preconceituosamente à universidade, embora grande parte desconheça sua existência e seu caráter público, inclusive alguns vizinhos do campus não sabem que no prédio funciona uma universidade federal. A instalação do campus, embora ainda seja desconhecida, é marcada por conflitos, seja daqueles que se incomodam com a presença de “outros” no bairro, isto é, alunos de bairros distantes, ou, daqueles que questionam as melhorias que são voltadas para a presença da universidade.

Certa vez, tive oportunidade de conversar com alguns alunos do ensino médio da escola Lindamil Barbosa de Oliveira, atrás da UNIFESP, e os mesmos não sabiam das atividades que ocorriam no prédio, tampouco que se tratava de uma universidade pública. Durante a terceira oficina do projeto de extensão coordenado pela professora Andréa Barbosa, uma das alunas me perguntou se era verdade que todos os alunos da Unifesp eram todos ricos e metidos. E quando começamos a conversar sobre o assunto notei que havia muito preconceito com os estudantes universitários, mas não sei até que ponto de alguma maneira essas questões não são respostas ao comportamento também preconceituosos de muitos.

Em 2008, a linha de ônibus intermunicipal que vai da Armênia ao Leblon passou a subir a rua da Universidade nos horários de entrada e saída dos estudantes. Certa vez acabei pegando esse coletivo e durante o percurso conversei com uma senhora que estava indignada com esse itinerário. Para ela estava claro que tal ação beneficiava apenas a comunidade estudantil, porque em suas palavras “sempre morou gente lá em cima, mas o ônibus nunca subiu. Agora a gente atrasa nossa volta por causa de meia dúzia de aluno que pode muito bem subir a ladeira como o pessoal que

mora lá atrás”.

Entretanto, existem moradores que enxergam oportunidade de crescimento econômico, que acham positivo a presença da universidade para o processo de desenvolvimento do bairro. Por exemplo, visitei os imóveis que estão em construção nas proximidades e um dos argumentos dos corretores que me atendiam era a facilidade de alugar os apartamentos para os estudantes universitários.



Essa imagem é de autoria da aluna e integrante do Visurb Julia Farkas e me chamou atenção por seu foco, a placa anuncia a presença da universidade, mas "esconde" outras informações sobre o entorno. Tal recorte me faz pensar na importância da Unifesp para seus alunos e como se relacionam com o bairro, será este apenas um espaço da universidade? II Pimentas nos olhos não é refresco. Autora: Julia Farkas

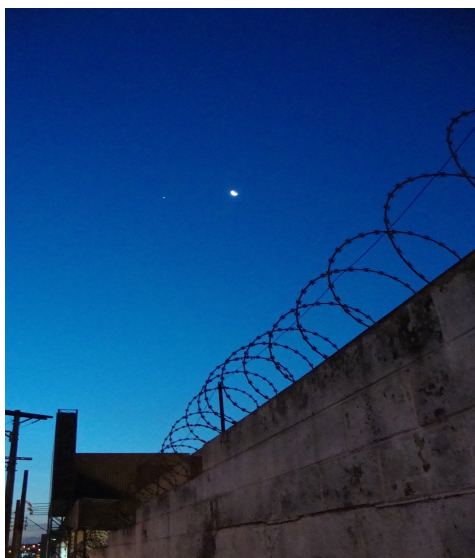
Este ano algumas ondas de assaltos geraram uma tensão entre a comunidade estudantil, vítima de abordagens violentas e roubos durante seus deslocamentos no bairro, seja na volta para as repúblicas próximas da faculdade, pontos de ônibus e mesmo dentro dos coletivos. Em maio eu e minha amiga Ana Lídia fomos vítimas de um assalto quando voltávamos do estágio e nos dirigíamos à sua república próxima ao Shopping.

Repentinamente um homem de bicicleta nos abordou e disse que era um assalto, afirmou ainda estar armado e que queria apenas os nossos aparelhos celulares e para continuarmos andando fingindo que nada estava acontecendo. Entreguei o meu rapidamente e uma nota de cinco reais que estava no bolso, mas a Ana teve dificuldade em encontrar o seu na mochila e até sugeriu que ele levasse sua bolsa, mas ele não queria apenas os nossos aparelhos. Foram minutos de muito medo e tensão, minha amiga estava desesperada e eu, enquanto isso pedia o chip da operadora e um dos meus argumentos para que ele me devolvesse era de que nós morávamos no bairro e estávamos voltando do trabalho e indo para o ponto pegar o Vila Any, pois morávamos no “Morro do Piolho”.



Logo o assaltante disse que também era da favela e eu reforcei nosso suposto endereço falando que no morro todos nos conheciam que morávamos lá há muito tempo, ele então me devolveu o dinheiro e o celular se desculpou pela atitude e disse para a gente não contar nada há ninguém e seguir em paz.

Outras pessoas também foram abordadas, mas como não mobilizaram códigos simbólicos do bairro tiveram seus pertences roubados e tal situação começou a gerar a insatisfação dos estudantes com a violência no bairro, ao passo que outros estudantes, assim como eu, estavam surpresos com essas ações, pois até então não havíamos ouvido relatos de assaltos e eu jamais imaginaria ser assaltada no bairro onde moro. Sem dúvidas esses assaltos eram dirigidos aos alunos da universidade, um “enclave fortificado” para muitos moradores, por diferentes razões, pois o número de estudantes cresceu, atualmente quase não há espaço na rua para estacionar os automóveis, ou seja, a faculdade e seus estudantes não passam mais despercebidos, sua presença têm criado novas dinâmicas na região, somado ao acesso difícil da população mais pobre no ensino superior público que vê aquele espaço restrito às pessoas com melhores condições financeiras e que tiveram acesso a educação de qualidade, como comentaram muitos alunos da Escola Lindamil.



O muro da universidade coberto por muro, seguranças, cercas elétrica e as grades das salas de aula chocam e são objetos recorrente em muitas fotografias das oficinas de extensão “Pimentas nos olhos não é frescor” sinal de que tanta “proteção” incomoda, pois acaba sendo uma fronteira simbólica entre o bairro e a universidade. 18/06/2010 Autora: Bárbara Cristina Sá.

### **O que faz do Pimentas, O Pimentas? Construção e apropriação do espaço urbano.**

No senso-comum a periferia é classificada apenas por suas inúmeras ausências, e é comum ouvir dos moradores que nos “Pimentas não tem nada”. As reclamações mais comuns se referem à

falta de áreas de lazer como praças, parques, bosques e etc. Não negamos a falta de infra-estrutura urbana, de fato esses recursos são escassos, é há muito para se fazer nessas regiões mais distantes e esquecidas.

Entretanto, é preciso ir além do discurso comum do “não tem nada”, aliás, ele mesmo aponta certos paradoxos, pois por um lado mostra a precariedade e ausência de infra-estrutura urbana que é enfrentada nos bairros pobres, mas por outro lado acaba desvalorizando as estratégias de vida construídas por seus habitantes. É preciso problematizar essas narrativas e visões estereotipadas dos bairros periféricos, afinal será mesmo que não existe “coisa pra fazer”? E como vivem os moradores dos Pimentas, de casa para o trabalho e do trabalho para casa apenas?

Durante a pesquisa conheci algumas famílias que residem em uma área de ocupação na beira do Tietê, na Vila Laurita (bairro vizinho ao Itaim Paulista). Esses moradores estão sofrendo processo de desocupação e desde dezembro as suas casas estão alagadas pelo rio que transbordou nos diversos bairros que o margeia. Conversando com eles sobre a vida nos Pimentas compreendi porque hesitam em sair de lá, essas pessoas apesar de possuírem poucos recursos financeiros, estão contentes em morar em “família” como me disse Dona Luzinete que mora ali há 50 anos apontando as casas de seus filhos, sobrinhos, netos e vizinhos que por tudo que “já passaram juntos” pertencem à família.

“Os mais velhos estão muito abatidos” comentou Luzinete, enquanto me falava de quando nadava e pescava no rio. Embora vivam em uma área precária, suas identidades, memória e rede de amizades, pertencem aquele espaço que construíram juntos, como ressaltou uma das vizinhas que ouvia nossa conversa. Luzinete enfatizou que gosta de morar ali porque é calmo, não tem assalto e nem crimes, que é um bairro muito sossegado e por isso é bom para viver.

Poucas pessoas compreendem esses moradores, acham que não deveriam recusar uma “oportunidade como essa” de se mudarem para um bairro melhor. Contudo melhor em que sentido? Pois conversando com essas famílias compreendi que um bairro pode ser muito precário, mas nem por isso suas vidas são precárias. Sem dúvida, o local onde residem não é agradável, o odor do rio poluído invade as moradias é possível ver insetos mesmo durante o dia, mas eles não querem ser separados e nem ir para bairros afastados da região onde fizeram amigos e construíram o pouco que tem.

Ao contrário do que muitos pensam essas pessoas construíram suas estratégias de vida, como propõe Magnani, e por isso precisamos desconstruir esse “nada” do bairro, pois para muitos ele é muita coisa, é parte de sua trajetória e identidade, por mais precária que seja suas condições de moradia, uma vez que “as localidades – urbanas ou não- territorializam problemas, e também,



soluções. Abarcam sonhos e desejos de seres humanos concretos, abarcam projetos e conquistas compartilhadas” (Arantes, 2000: 162)

Para os moradores mais antigos o Pimentas está presente em suas referências pessoais, não apenas como um lugar onde moram, mas como uma experiência de vida, permeada por dificuldades e muitas vezes até como um estigma, pois antigamente “nem táxi vinha até aqui”, como comentou Pedro. Nesse sentido, não se trata de viver nos Pimentas, mas “ser dos Pimentas”.

Esses habitantes possuem uma relação de identidade com a região e suas falas fazem do bairro um lugar para se viver, observar, divertir-se, misturando-se aos laços comunitários e étnicos, criando espaços de sociabilidade e reciprocidade (Bosi: 1994).

Contudo, para os mais jovens o Pimentas, apesar das melhorias, é um espaço de transição, pois muitos moradores traçam planos de ascensão econômica fora do bairro e dizem que não querem se acomodar aqui. Suas falas demonstram uma certa ambiguidade associada a esse espaço, pois oscilam entre sair da região para que possam melhorar de vida, mas ao mesmo tempo estão construindo ou ampliando suas moradias.

Custou-me compreender que esse era um “discurso pronto”, na verdade, só notei que essas repetições eram significativas quando dei mais atenção aos questionamentos que me faziam, principalmente, porque na região estudada, poucos residentes fazem curso superior e a maioria das pessoas da minha idade estão casadas e possuem filhos.

Tive que conviver essas comparações durante as nossas conversas, afinal, pesquisar e morar no bairro estudado, muitas vezes foi uma vantagem, mas outras um grande desafio, pois para meus interlocutores, que também são vizinhos, conhecidos e amigos, eu sou uma exceção, estudo em uma universidade pública, não sou casada e tampouco tenho filhos. Então, aos poucos comecei a observar que essas falas de descontentamento, era uma maneira simbólica de se mostrar por “cima”, isto é, uma maneira de culpar o bairro pela gravidez precoce ou por não estar cursando uma faculdade, e se mudar nesse contexto significa ter planos para melhorar de vida.

Na verdade, ir pra fora, para um “bairro melhor” é muito mais um discurso do que uma realidade possível, seja por questões práticas da vida, pela proximidade dos familiares que acabam ajudando a “olhar” o neto, pelas relações de sociabilidade, enfim, há muitas razões para permanecer, mas no imaginário de ascensão social que prevalece entre os jovens com quem conversei mudar da região equivale a “melhorar de vida”. Esse imaginário é alimentado por esses discursos recorrentes e permanece como uma questão ambígua para essa geração.

Como nos faz pensar Gilberto Velho quando analisou Copacabana, bairro onde estava inserido, as propagandas não inventam, mas exploram potencialidades, nos Pimentas a especulação

imobiliária espalha propagandas de seus empreendimentos e ressaltam o desenvolvimento local, principalmente a presença da Unifesp, Shopping e do Hospital.

A descrição do bairro na comunidade do Orkut intitulada “Eu moro no bairro dos Pimentas”, complementa essas potencialidades da região:

“Para quem mora, ou conhece alguém no Bairro dos Pimentas. Bairro de Guarulhos, localizado entre a Via Dutra e a Rodovia Ayrton Senna, divisa de Guarulhos, Arujá, Itaquá e São Paulo. Vc acha que este é um fim de mundo? Que nada, é uma localização estratégica.”

Viver nos Pimentas, divide opiniões, não há um sentimento homogêneo sobre ele, mas relações de como cada um se apropria e interage com o bairro, e com as transformações que estão dinamizando e complexificando à vida no bairro.



A placa anuncia que está nascendo um novo endereço, mas para quem me questiono? 2/01/2008 Autora: Bárbara Cristina Sá

Neste processo, a instalação do campus de uma universidade pública tem um lugar interessante pois nos provoca a pensar entre outras questões, a presença de novos “outros” (estudantes e professores) nas relações cotidianas e como elas são estabelecidas e incorporadas para construção de novas identidades do bairro na atual fase de desenvolvimento acelerado. Mas ela é uma parte do processo onde se inserem principalmente a instalação do Shopping Bonsucesso, o hospital e as agências bancárias.

### **O Pimentas: *Lugar de sociabilidade.***

A sociabilidade, processo de interação das ações cotidianas, é uma ação importante para as relações sociais, a troca de experiências, ideias e gostos, dotam de sentido e complexificam a vida nos bairros periféricos marcados, sobretudo pela “ausência”. Por isso, buscamos compreender como os moradores interagem com seu espaço urbano e com os demais habitantes, suas diferentes

formas de lazer, protagonismos e manifestações de sociabilidade desta paisagem urbana. E essas iniciativas mostram como o cenário urbano é muito mais que um agrupamento de edificações ou a adição de pessoas dentro de áreas mais ou menos restritas<sup>5</sup>.

Como nos fala Magnani, as modalidades de lazer nas periferias paulistanas são simples e tradicionais que não têm o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer, mas estão profundamente vinculadas ao modo de vida e tradições dessas populações.

Durante a construção do shopping Bonsucesso, comentando a novidade a maioria dos jovens do grupo afirmavam que não iam sair de casa para ver as pessoas que já encontram todos os dias, e que continuariam indo pra o Shopping Internacional.

Esta intervenção feita na exposição do projeto de extensão desenvolvido pelo Visurb nomeado “Pimentas nos olhos não é refresco” me faz pensar nessas questões. II Pimentas nos olhos não é refresco.  
Autora: Julia Farkas



Esse preconceito resistiu por um bom tempo, porém hoje o shopping é muito movimentado. Como também observou o autor Heitor Frúgoli, os Shoppings Centers “templos” do consumismo, sinalizados para fins específicos, não são apenas espaços de consumo, mas de lazer, passeio, encontros, isto é, são apropriados por grupos que subvertem suas regras e criam usos alternativos próprio, através de códigos particulares que fortalecem suas práticas de sociabilidade.

Os locais de lazer e entretenimento situados em regiões centrais da cidade caracterizam-se pela presença de vários grupos num mesmo território, no nosso caso, a proximidade geográfica do Shopping acaba familiarizando o espaço e seus frequentadores que é visto muitas vezes como uma desvantagem. Desde sua inauguração em 2006 o shopping já passa por ampliações e reformas, e não tem nada haver com aquele “galpão” como muitos diziam. Atualmente lojas de grife compõem o seu cenário. Certa vez uma usuária me disse que o que fez o Bonsucesso dá certo foi à vinda do Mac Donald, que, aliás, possui as maiores filas em qualquer horário de seu funcionamento.

A impressão que tenho é que a presença desses estabelecimentos deu a “distinção” para o shopping e seus frequentadores, como marcos simbólicos provocar estranhamento com o estabelecimento do bairro. Aliás, os frequentadores embora da mesma região nem sempre se conhecem, podem até ter visto essas pessoas em pontos de ônibus, escola e praças, mas não

---

5 Ver Oliveira, Marcel 2000: 215

necessariamente sabe seus gostos, ideais e projetos.



As transformações do Shopping estalado na região desde 2006 e a paisagem atual. Autora: Bárbara Cristina Sá. 01/05/2009 e 07/03/2010

Notamos que em certos momentos a casa e a calçada tornam-se espaços contíguos, isto é, a calçada alarga o espaço da casa, pois nela são acolhidos grupos de amigos, vemos casais de namorados, aposentados jogando dominó, donas-de-casa comentando as notícias, mas também olhando as crianças, recepcionando vendedores ambulantes.

O uso cotidiano da rua nos permite identificar experiências significativas de apropriação do espaço urbano, como as cadeiras ou banquinhos nas calçadas. Se apresenta “não como um espaço urbano em si, mas espaço social, onde os significados construídos pelas ações cotidianas tornam uma categoria inteligível” (Leite, 2006: 24), deixa de ser o local de passagem para ser ocupado pelos moradores que praticam esportes, conversam com amigos, fazem caminhadas pela manhã. Em certa ocasião fotografando a rua como espaço de lazer, precisei diversas vezes solicitar autorização dos pais para fotografar as crianças que estavam brincando, entretanto uma das mães que não autorizou a foto questionou essa ideia de lazer. Para ela brincar na rua é falta de lazer.

E qual criança não foi advertida com “é pra brincar na calçada e não na rua”? A calçada é um lugar na fronteira e já que a rua possui as *contradições próprias deste lugar*, como nos disse DaMatta. É marcada pela ambiguidade, pois por um lado é apropriado como espaço de sociabilidade, e por outro como lugar dos *malandros, meliantes, pilantras e marginais* (DaMatta: 1997).

São questões que a pesquisa desenvolvida não pretendeu esgotar, na verdade nem sei se conseguiria, mas que são fundamentais para refletir as dicotomias que permeiam o imaginário social acerca da periferia e, conseqüentemente, da vida de seus moradores.

Como nos fala Magnani, as modalidades de lazer nas periferias paulistanas são simples e tradicionais que não têm o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer, mas estão profundamente vinculadas ao modo de vida e tradições dessas populações.



“Parquinho” Data:17/10/2009. Autora: Bárbara Cristina Sá

Durante a realização da pesquisa, alguns circos e parques de diversão se instalaram no bairro. O Parquinho, por exemplo, possui poucos brinquedos e algumas barracas que vendem comidas e bebidas, e do lado de fora outras iniciativas complementam a variedade, principalmente com bebidas alcoólicas que são procuradas pelos mais jovens. Há um palco que toca os estilos apreciados pelos moradores como funk, forró e sertanejo.

O público é variado, embora a maioria seja de famílias com crianças e alguns adolescentes. As barracas mais disputadas são a do bingo “com primeira rodada grátis”, onde ficam os adultos e de derruba lata, roleta e tiro ao alvo, onde se vê grupos familiares. As crianças ficam a vontade nos brinquedos e passeiam com tranquilidade pelo espaço, e muitas pessoas vão apenas para ver os outros jogarem, para dar uma volta ou com o dinheiro a “conta” para não deixar seu filho ou filha passar vontade. Como já mencionado, a população mais pobre possui meios mais simples de lazer, mas a simplicidade não desqualifica o divertimento que proporcionam.

O Parque da Universidade, uma praça em homenagem ao campus da UNIFESP, é apropriada de diversas maneiras pelos moradores, comerciantes, mas raramente para não dizer nunca pelos universitários. Sempre movimentada podemos ver crianças brincando de bicicletas, futebol, empinando pipas, famílias fazendo piqueniques na área verde. À noite vemos poucos casais de namorados e alguns grupos de amigos. Esse espaço já sediou alguns Parques de diversões, Circos, Feirão de carros, alguns shows e eventos comemorativos, mas seu uso comum pela manhã e a tarde (já quase noite) são as caminhadas que muitos moradores realizam no canteiro da praça.

Estas interações nos fazem perceber que são as práticas sociais que dotam de significados ou re-significam os espaços mais variados do bairro, são arranjos que combinam as transformações urbanas e ausência de equipamentos públicos com soluções criativas para o espaço urbano, se apropriando de diferentes maneiras, como as praças que se transformam em lugares para fazer caminhada e festas, os terrenos vazios em campos de futebol, para treinar os times infantis ou



aprender a dirigir.

Todavia, essa "realidade "periférica" é esquecida e "normalmente escapa às atenções e foge do interesse político imediato" como observou Magnani (2003). Por isso nessa pesquisa nos interessou observar as estratégias de sociabilidade, compreender as maneiras como as pessoas se apropriam do espaço urbano preenchendo-o de sentidos e com isso complexificando a vida do "pobre que não tem nada pra fazer".

Afinal o "fazer" não se limita apenas as grandes marcas, deslocamentos e recursos financeiros, e é essa reflexão que trazemos nessa pesquisa, de que as estratégias que vão sendo construídas criam relações de identidade e tornam seus mais significantes o cotidiano dos moradores. As formas de lazer e sociabilidade do bairro fazem dos pimentas, Pimentas, um lugar onde as pessoas habitam, interagem, modificam a paisagem, estabelecendo e revigorando as suas regras de reconhecimento, exercitando e construindo suas redes de sociabilidade com práticas que condensam experiências comuns.

Não apenas a ausência de espaços de lazer "convencionais", mas uma relação cultural leva as pessoas para as ruas e calçadas, onde encontramos casais de namorados, crianças brincando, donas de casa batendo papo, em qualquer hora do dia, embora nos dias quentes o período noturno seja o mais movimentado, no qual a rua deixa de ser o local de passagem para ser ocupado pelos moradores que praticam esportes, conversam com amigos, fazem caminhadas pela manhã.

Podemos citar diversas soluções para a "carência" periférica, como os Lava - Rápidos que aparentemente são lugar cuja finalidade é lavar carros, porém neles acontecem rodas de samba aos fins de semana e feriados, forró e outros shows<sup>6</sup>, e a divulgação semanal dos carros de som que anunciam as *festas no pedaço*. São os shows de forró no Bar da Bia, Grupos de Samba, Festas de Equipes, Funk na Pirasom, Sertanejo no Esquinão Azul... E assim o dia vai sendo preenchido de informações que mostram uma multiplicidade de opções para o "nada" do bairro.

O pedaço é uma categoria mobilizada por Magnani durante seu estudo com os circos-teatros da periferia paulistana. Segundo o autor, [...] são os espaços onde se tece a trama do cotidiano, a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. É também o espaço privilegiado para a prática de lazer nos fins de semana nos bairros populares (Magnani, 2008: 32)

O pedaço é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas e condições para seu exercício e fruição. Assim, "na urdidura física do espaço da cidade – aparentemente um dado, na fixidez de seus acidentes, matéria de geografia – na verdade se entrelaça outra trama, tecida com os mais variados laços sociais – relações de parentesco e vizinhança, práticas comuns de trabalho, vínculos

---

<sup>6</sup>Essas manifestações também são presentes em outras regiões da cidade e da metrópole paulistana.

religiosos, lealdades políticas, hábitos compartilhados de lazer – para compor as extensas redes de sociabilidade que constituem, propriamente, a vida social” (Montes: 2008, 305).

Ainda nessa linha, como propõe Maria Lúcia Montes, a lógica do espaço urbano, constitui o resultado de práticas que ordenam o comportamento de seus habitantes, nos diferentes âmbitos da vida social em que são chamados a desenvolver suas atividades.

No Pimentas os pedaços são variados, rotulados como o Bar da Loira que toca forró intitulado por quem não pertence ao pedaço como “risca faca”. Contudo, esse bar é um importante espaço de sociabilidade, onde seus frequentadores nem sempre se conhecem, mas se *reconhecem* enquanto migrantes nordestinos que compartilham experiências e símbolos. Frequentado por nordestinos, o “bom e velho forró, marca registrada, ontem e hoje, do inconfundível *ethos* reconhecido pelo sotaque, música, dança, bebidas e comidas típicas” (Rigamonte: 2008, 233-234) é uma maneira de reforçar os aços de sociabilidade entre os conterrâneos, ligados pela saudade, dificuldades que vivenciam na nova terra, compartilhando experiências, gostos e afetos.

Dessa maneira, o Pimentas revela que na dinâmica da organização de seu espaço, se inscrevem signos diferenciais de pertencimento. Outro espaço de sociabilidade que marca o bairro estudado são as quermesses que acontecem durante todo o segundo semestre do ano, não estão limitadas aos meses de junho conforme as tradições religiosas. Na verdade as quermesses são festas que reúnem a população menos pela religião e mais pelo espaço de confraternização, encontros e re-encontros.

Notei durante o desenvolvimento desse projeto que as feiras que ocorrem nos bairros pesquisados, onde a principio enxerga-se apenas um tumulto, e onde as pessoas se deslocam apenas para comprar os produtos oferecidos, é também um espaço privilegiado de sociabilidade.

A feira do Marcos Freire, por exemplo, é um espaço de múltiplos sentidos, invadida por vario estilos e faixas etárias, é a feira “central” dos outros bairros já que moradores dos arredores se deslocam até ela. O espaço oferece uma considerável variedade de produtos que vão desde frutas e verduras em geral a acessórios, CDs piratas, comidas típicas, roupas entre outros.

Com sua própria trilha sonora, músicas da banda de forró tecnobrega que toca em quase todas as barracas e vendedores de CDs e DVDs. É difícil pensar na realização dessa pesquisa, sem lembrar essas músicas, por todo lado do bairro. O tecnobrega é um dos estilos mais tocados da região, nos carros, bares, feiras, quermesses, enfim em todos os lugares escutamos a banda de maior sucesso, Banda Dejavú. Seus sucessos não aparecem (ainda) em rádios e televisão, mas são conhecidos e apreciados por grande parte da população pesquisada, e de outras localidades também.

Andar pela feira não foi fácil, foi preciso driblar os carrinhos e ter bons ouvidos para as

propagandas dos produtos e os forrós da banda mencionada, uma confusão de sons, pessoas e produtos, a avenida tomada por carros estacionados, trânsito, animais, tudo que se mistura num movimento ora acelerado, ora calmaria.

Entretanto, o aparente caos possui sua própria organização, abre espaço para encontros rápidos ou demorados, dá lugar para a espera. A feira é também um espaço de identidade para os bolivianos residentes na região, como apontou Ana Lídia Aguiar, colega de curso que realizou uma interessante pesquisa sobre imigração boliviana no Bairro dos Pimentas.

Segundo Aguiar, estes imigrantes não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem, uma vez que compartilham os mesmos símbolos, valores, hábitos, gostos semelhantes e etc. Isto é, constroem seu *pedaço* na feira dominical do Marcos Freire.

O conjunto Marcos Freire é um bairro que exerce uma “centralidade” na região estudada, pois tem um comércio mais desenvolvido, bares, a maior feira e praça da região. O Conjunto também conhecido como “Casinhas”, pois “nasceu” como bairro pela construção de moradias populares, as casinhas do imaginário social da região, é também, referência para as atividades relacionadas ao lazer. Sua praça, como é chamada, é um pedaço onde se maneja símbolos e códigos comuns, em seu entorno acontecem rodas de samba, forrós, há alguns bares, danceterias, sorveterias e etc.

Durante o trabalho de campo na praça vivi situações que a princípio foram frustrantes, pois sempre que me aproximava de alguém, se fosse menino me cantava e se fosse menina não me dava atenção. Depois de muito observar percebi, que sem querer que eu estava invadindo códigos daquele pedaço e por isso era entendida pelos meninos como uma “pegada”, e ignorada pelas meninas.

Existem algumas regras de ocupação desse espaço, como subir e descer a praça se tiver a procura de relacionamentos, e também uma ocupação social e simbólica desse espaço, no qual os vários grupos se aglomeram nas calçadas, principalmente grupos de meninos, outros se encostam aos carros, nos quais seus donos ligam o som no último volume, e em volta algumas pessoas começam a dançar o ritmo que varia entre funk e tecnobrega.

A primeira vista, o som alto parece uma disputa, mas na verdade, eles são complementares, pois todos têm seu espaço e os donos dos automóveis são amigos e aproveitam desses recursos mais para conquistar garotas do que para causar confusão, confessou um deles.

Outra prática comum no bairro é a organização de excursões das mais variadas, durante a pesquisa soube de viagens para Aparecida do Norte, Secs Itaquera, Bertiooga, Mairiporã e Arujá.

Com preço mais acessíveis, entre 15 e 20 reais, as viagens são organizadas com alguns



meses de antecedência e divulgadas principalmente com cartazes e no bom e velho “boca-a-boca”. Muitas excursões que são organizadas por grupos evangélicos não são abertas a todos, pois como ressaltou mesmo nos deslocamentos as regras do pedaço são respeitadas.



Excursão organizada pelos moradores. 04/09/2009. Autora: Bárbara Cristina Sá

Para além das relações de sociabilidade, memória e identidade, nos Pimentas é possível observar protagonismos, soluções para a "carência periférica". Afinal, as pessoas não apenas sobrevivem nos bairros pobres, mas vivem e protagonizam soluções criativas para a situação do abandono do espaço público. Um exemplo desses protagonismos é o Cursinho Comunitário Pimentas, criado em janeiro de 2002, por iniciativa do Professor da rede pública, Rômulo Ornelas morador do bairro.

Realizado aos fins de semana na Casa da Juventude no Conjunto Marcos Freire, essa iniciativa busca mostrar que é possível resolver certas carências sem necessariamente ser carente, almejando por meio da mobilização, a possibilidade de transformar a realidade precária para o bem comum. No cursinho a periferia é o local de origem e de intervenção, se apropriando do rótulo periférico para reivindicar políticas públicas, isto é, a periferia aqui é um termo político, estratégico para sensibilizar e apoiar as ações de inclusão social. O Cursinho Comunitário Pimentas, cujo principal objetivo é promover o acesso de estudantes de baixa renda ao Ensino Superior Público, busca, paralelamente, a formação de cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade, configurando e alargando os *campos de possibilidades* (Velho: 1981) dos sujeitos envolvidos.

Desta forma, este projeto vai além de ser apenas um curso pré-vestibular e se "intromete" em questões importantes como a ambiental, social, cultural, psicológica e política, entre outras. A questão ambiental é, também, um dos pontos fortes do Cursinho, que não apenas educa ambientalmente seus alunos durante as aulas, mas promove na prática a reutilização e reciclagem de produtos (os próprios alunos trazem de casa o material que será reciclado).

Estes alunos, certamente, em sua maioria, seriam excluídos das melhores oportunidades de educação superior. Nesse sentido, o Cursinho busca mudar não apenas a realidade do aluno de baixa renda que entrou em uma Universidade bem conceituada, mas interfere em toda a região, já que esses mesmos alunos influenciam seus pais, seus amigos e vizinhos, fortalecendo o projeto e aumentando a cada ano o número de inscritos para participar do mesmo.

Essas ações visam melhorar a região e não a vida de indivíduos isoladamente, por isso, muitos alunos retornam como voluntários e dão continuidade ao projeto, são estimulados a permanecer no bairro e usar o conhecimento adquirido na universidade em prol de outros moradores.

Os jovens são incentivados a permanecer na periferia, pois se entram na faculdade e alcançam o sucesso profissional, mas saem do bairro de origem, nunca vão mudar a realidade local. Nessa linha, as aulas de cidadania oferecidas em forma de debate, visam a conscientização e reflexão do papel crítico e atuante na sociedade, e são muito importantes na construção do olhar propositivo para o bairro.

### **Algumas memórias**

Dialoguei com vários moradores antigos do bairro e alguns deram depoimentos muito reveladores para essa pesquisa, nos quais “a construção da imagem da cidade realizada pela narrativa da memória, embora partindo de pontos de vistas diferentes que dizem respeito ao lugar social que o(a) narrador(a) ocupa e ocupou ao longo de sua trajetória de vida, acaba convergindo para alguns pontos comuns que permitem pensar o universo investigado como parte de uma geração que viveu situações sociais próprias e distintas de outras faixas etárias” (Barros. 1999: 45)

Neco, como gosta de ser chamado, é avó de um colega que estudou no Cursinho Pimentas e está se formando em Ciências Sociais na UNESP. Logo que fomos apresentados, Neco disse que não queria responder minhas perguntas por que está ficando surdo e achava que não ia conseguir me ouvir e me deixar chateada.

Fomos então conversar com sua avó Dona Maria que parou seus serviços domésticos para me receber, pegou as fotos guardadas em uma caixa com o maior cuidado. As mais antigas estavam em binóculos e ela mal conseguia reconhecê-las. Em quase todas as imagens o bairro aparecia como cenário dos momentos “eternizados” pela fotografia.

Uma de suas fotos me chamou bastante a atenção, pois tratava-se de algumas lagoas próximas a minha casa, e que inclusive eu havia fotografado durante as caminhadas etnográficas no Vila Any. Essa imagem me intrigou porque tive muita dificuldade em reconheci à paisagem, só

depois que a Dona Maria falou onde ficava e que pude notar algumas semelhanças. E se apenas vê essas imagens já me deixou tão abalada, imagina como é viver essas transformações, não é a toa que as “mudanças na cidade são verificadas nas transformações dos espaços e dos costumes apreendidas por um olhar que não consegue mais reconhecer a cidade como sua, trazendo não só estranhamento, mas insegurança” (Barros, 1999: 50).

- “Essas são as lagoas do Miquilim”, disse Dona Maria. E perguntei de quem se tratava, ela então comentou o Miquilim era dono do das lagoas e de uma olaria, mas não morava aqui e sim em São Miguel.

Neco voltou da padaria, e para quem não queria falar, ficamos horas conversando sobre sua inserção no bairro. Dona Maria apenas confirmava os dados, complementava algum relato ou o advertia quando julgava que ele não estava contribuindo com meus estudos.

E já que as “lembranças são experiências retrabalhadas, conservadas, transformadas, amalgamadas em sonhos, e escrever sobre elas é realizar explorações que cruzam inevitavelmente diferentes planos de realidade” (Arantes, 2000: 19). Observei que a história do bairro e suas trajetórias pessoais se confundem diversas vezes, pois é a partir de alguns acontecimentos na região que eles dão significado a suas experiências de vida. Da mesma forma em que alguns acontecimentos pessoais dão significado aos acontecimentos no bairro.

Neco começou me mostrando uma taça que ganhou do Bela Vista Futebol Clube, o primeiro time dos Pimentas e que existe até hoje e possui um campo próximo a Rodovia Trabalhadores. A taça foi um reconhecimento ao jogador mais antigo do time.

Ele jogava todos os dias na Nitroquímica e trabalhava na Atrotil, uma fábrica de pólvora que ficava próxima a ponte de São Miguel. Exercia função de barqueiro, isso em meados de 1945, ele ressaltou. Ia para vários lugares como, por exemplo, Suzano.

Certa vez estava no meio do rio quando a fábrica explodiu, ele já estava bem perto, mas não foi atingido pelos destroços. Esse acidente matou muita gente soterrando-as e marcou a região. Neco continuou exercendo sua profissão até que Jânio Quadros entrou no poder e começou a cobrar licença para os barqueiros navegarem no Rio Tietê, depois o Presidente acabou extinguindo o ofício de barqueiro.



Então conseguiu um trabalho na olaria, mas naquela época enfrentavam muitas dificuldade, pois os Pimentas não tinha comércio.

- “Sabe onde é a casa de peixe(?), lá era a sede do time. E onde é a praça(?), lá só tinha o armazém do João Leite, uma barbearia que o barbeiro mora em Nazaré. Ônibus(?), não tinha. Só depois que veio um que ia até a ponte de São Miguel, só até as sete da noite.”

Neco era moço, tinha 18 anos quando começou a namorar com a “Nega” apelido de Dona Maria, que tinha 17 anos. Ela morava em São Miguel e ele após seu horário de serviço já tomava banho no próprio rio, que ainda era limpo e se deslocava até São Miguel para visitá-la. Eles ficavam por lá mesmo que “só tinha o cinema velho” onde ficavam até as dez da noite.

- “Daí muitas vezes não tinha mais ônibus” (conta seu Neco, dramaticamente). Ele então , regressava a pé e sem medo algum, pois no caminho “só tinha cachorro”. Depois de muito tempo a linha passou a fazer retorno nos Pimentas.

Com um ano de namoro, seu Neco tirou Nega do emprego que tinha na rua e se casaram, “mesmo com a mãe dela não querendo assinar o casamento, aí ela pensou bem e resolveu assinar”. Ele vendeu o terreno que tinha que tinha herdado de seus pais “lá em cima” (perto da Praça mais antiga do bairro) e, segundo ele, o Pimentas começou a crescer naquela época. João, seu irmão que era sapateiro, ficou com a outra metade do terreno.

“Seu” Neco nasceu e se “criou” nos Pimentas, hoje ele tem 80 anos e só se mudou duas vezes. Uma para a olaria, onde ficou por um mês, e depois para a casa onde está até hoje e que conserva a mesma arquitetura. Ele trabalhou em muitos lugares – no Camargo Velho, onde ganhava 8 Cruzeiros por dia e ia a pé “passando pelo Vila Any, Itaim e ia embora, isso com 16 anos”.

“O que estraga é a vida sofrida”, comenta Dona Maria. Uma vez seu esposo passou muito mal com uma hérnia que tinha desde os 10 anos, e como não existia posto médico em São Miguel, um colega o levou de carro para a Penha, mas de lá tiveram que o transferir para as Clínicas “onde foi bem tratado” e fez a cirurgia da hérnia. Na época não havia telefone e ela nem sabia de seu paradeiro, eles já tinham 4 filhos pequenos.

Depois de recuperado, Neco não tinha dinheiro para voltar para casa, foi quando conheceu uma médica “de coração bom” lhe deu dinheiro para voltar, inclusive por lá esqueceu sua carteira de barqueiro e nunca voltou para buscá-la. Então ele pegou ônibus para a Penha, depois para São Miguel e foi até a ponte, onde encontrou toda a turma fazendo a maior festa porque tinha voltado “O Neco voltou pessoal! Dava pra ver a alegria nos olhos da turma” ele relembra.

Nessa época conheceu seu Guilhermino, dono das terras que hoje é um bairro que carrega seu nome e começou a trabalhar com ele. Passava o dia tomando conta de suas vacas e percorria

todo o bairro com elas, às vezes levava os bois para pastarem no campo, e ia para Itaquá de cavalo, pois adora andar de cavalo.

No campo onde o Bela Vista joga havia um matadouro onde depois de matar o boi todos tomavam um copo de sangue, essas lembranças deixava-o muito eufórico e mais empolgado. Neco contava e encenava as situações narradas, deixando qualquer um impressionado com sua disposição.

Trabalhou 25 anos na olaria, depois consegui um emprego na “firma” de um dentista de Guarulhos que “mesmo hoje em dia liga para mandar notícias e saber da sua família”, foi um dos patrões mais especiais, lembra emocionado. Nessa “firma” trabalhava como porteiro e conquistou a confiança de seus patrões, pois eles “deixavam cheques, relógios caros e eu guardava tudo e avisava que tinha achado”. Lá havia um telefone e como “Seu” Neco possuía muito amigos, e também seus chefes gostavam muito dele, muitas vezes pedia para seus conhecidos usarem o telefone.

“A Juscelino era uma estrada de barro e não entrava nem carroça de burro” conta impressionado. Uma vez sua mulher ficou internada e ele teve que ir “daqui” pra Guarulhos de bicicleta, “nesse tempo já tinha a Dutra, mas era mais rápido cortar pelas ruas dos bairros”.

Neco não estudou, mas se orgulha de sua honestidade. Disse que foi na delegacia duas vezes por bobearias, testemunhar casos, e fez amizade com escrivão que depois virou delegado em Guarulhos. Suas referências são amigos antigos, quase todos falecidos, mas que ele lembra do nome, da profissão, etc. Acredita que conseguiu muita coisa graças as amizades que cultivou “tudo gente bacana, mas bacana mesmo”.

Seus filhos brincavam de carrinho no quintal, corriam pela rua, nesse instante Dona Maria interrompe e diz que essa foi à maior alegria de sua vida, seus 14 filhos, porém dez já morreram por diferentes motivos, “menos coisa errada”, ela enfatiza.

-“Nega pelejou muito para salvar seus filhos”, pois assim que um começava a engatinhar, já nascia outro e um terceiro ficava doente, e quando melhorava, outro já ficava internado. Nesse momento, pensei que eles fossem se entregar ao choro, pois Neco pegou o retrato de sua filha que falecera aos 2 anos com câncer na garganta, uma jovem muito bonita que estava prestes a se casar, mas mudou de assunto.

*“Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social” (Kossoy, 2001: 156)*

No “meu tempo ninguém mexia com ninguém, hoje em dia não tem jeito”. Antigamente era “ruim de se viver pelo sacrifício financeiro, a gente não tinha roupa nem sapato para por no pé,

minha camisa era de saco de estopa que a nega costurava em casa”. Sua primeira calça jeans foi encontrada no lixo da redondeza, pois ele e sua turma sempre mexiam nos resíduos buscando tamancos, roupas.

- “No meu tempo não tinha nada, minha mudança veio de carroça e a água da chuva caía toda na vala da rua”. Para sua sorte, conseguia alguns pedaços de madeira e ia entupindo a vala para o pessoal passar. Agora muita coisa mudou, hoje contam até 25 carros na avenida.

Neco relembra sua infância. Na casa de seus pais viveu com muita fartura, tinha feijão, farinha e porco. Eles comiam bem, porém, roupa e calçado não tinham. Ele diz que os jovens de hoje em dia não sabem aproveitar as oportunidades e o que o deixa mais feliz são as recordações do futebol. Hoje o que mais o atrapalham são os carros e o movimento e se fossem mais novos, mudariam para um local mais calmo, como eram os Pimentas antigamente.

Na rua da escola onde estudei existe várias casas que sempre me chamaram atenção por suas arquiteturas antigas, e certa vez tirando fotografia delas eu conheci “Dona” Francisca, uma simpática senhora que mora na Vila Any há 50 anos. Ela estava na janela observando o movimento matinal da rua, quando tomei coragem pra abordá-la.



Uma das casas mais antigas do Vila Any. 30/08/2009. Autora: Bárbara Cristina Sá

Francisca me recebeu muito bem, mas alertou que estava com a memória curta e que preferia falar comigo na presença de seu filho Antônio. Voltei alguns dias depois, e por sorte eles estavam em casa para me receber.

Antes de se mudar para o bairro Francisca e seu falecido esposo moravam no Carrão onde pagavam aluguel, e conseguiram seu “terrado”, isto é, seu terreno como pagamento de uma dívida que um colega de trabalho estava “enrolando” pra pagar. Vieram com a “cara e a coragem”, afinal “bem ou mal” aquele espaço os pertenciam e quando algum colega perguntava do bairro falavam que tinha o rio limpinho para nadar, pescar e que era tranquilo.

Apontam com os dedos as casas dos vizinhos que se mudaram na mesma época, “primeiro veio Seu Benedito, depois a Rosa, Antônia...” e aos poucos iam lembrando cada família “nova” associando algum acontecimento no bairro.

-“Celina chegou aqui já tinha a “Budega” do Bezerra, Compadre Pedro quando montaram a escola, Gildenice é que veio na época boa, já tinha água da rua e estavam montando os postes”.

Comenta Dona Francisca.

Segundo ela, demorou muito para que chegasse água encanada e luz na região, por isso ainda possuem “como quase todo mundo” um poço no quintal. Como moram próximo a lagoa, Francisca preferia ir lavar roupa lá mesmo, ela e todas as vizinhas “era uma farra só” relembra emocionada. Essas melhorias complementa Antônio, foram conquistadas com muitos esforços, abaixo-assinados, reuniões com moradores e prefeito.

Praticamente todos os produtos que necessitavam vinham do Itaim e quando faltava alguma coisa eles iam a pé ou de balsa para buscar, pois a ponte que liga os dois bairro era uma estreita tábua de madeira improvisada pelos moradores. “Agora tá bom tem ponte de concreto e até farol, não é mesmo?” me questiona Francisca.

Os produtos que mais compravam eram: querosene para os lampiões, leite e pão. Entre os vizinhos trocavam alguns produtos, principalmente verduras e ovos. Francisca criava muitas galinhas e às vezes quando a “situação apertava” ela batia de porta em porta oferecendo os ovos em troca de algum alimento, verdura ou leite, pois “muita gente aqui criava vaca, dava até medo de deixar as crianças soltas”.

Lembram que “essas terras” pertenciam à imobiliária Piratininga, mas que depois foi mudando de dono, alguns de “má-fé que vendiam as terras pra duas ou três pessoas e sumia com o dinheiro delas”, ressalta Antônio.

Pedro, outro morador antigo, contribui com suas lembranças de deslocamentos, principalmente a trabalho. “Naquela época”, termo comum entre os mais velhos, como não havia ônibus praticamente para tudo iam a pé para o Itaim ou São Miguel, então ia a “turma inteira”.

-“Depois veio à perua que saia pegando a rapaziada, às vezes enchia de gente antes de chegar aqui. A gente saia as 4:00 horas para entrar as 9:00”. O segundo ônibus pertencia a Viação Poá, famoso amarelinho que ia para São Paulo.

Um dia assaltaram ele e seus colegas quando estavam voltando do serviço, mas só os assaltantes se “deram mal”, comenta, pois eles só tinham um maço de cigarro, mas ele explica, “se nós já ia a pé é porque não tinha dinheiro”. Passado muitos anos um ônibus municipal começou a circular na região, entretanto atrasava constantemente e eles preferiam a pé. Quando chovia o caminho alagava, mas não tinham outra alternativa e iam assim mesmo, com sacolas plásticas no sapato para evitar a lama.

A escola do Vila Any foi montada por iniciativa dos moradores e até hoje seu antigo local de funcionamento é ponto de referência no bairro. Conforme a turma foi crescendo ela foi mudando de lugar, funcionou no quintal de Dona Olímpia, e depois na sala de Dona Francisca, até que

construíram a Escola Estadual Cid Augusto Guelli em meados dos anos 60.

Os Pimentas não tinha uma boa fama, “muitos tinham medo do bairro sem nunca ter pisado o pé aqui”, comentou Sebastião, morador do Tupinambá há 30 anos. Ele disse que nunca vai esquecer uma vez que teve que fazer “cerão” na firma em Osasco, e o seu patrão pagou um táxi para deixá-lo em casa. Porém quando chegou em São Miguel, por volta das duas da madrugada, o motorista se recusou a continuar o trajeto e o deixou lá mesmo “no meio da rua”. Ele veio a pé mesmo, mas quando chegou em casa só deu tempo de tomar banho e café, e já correu para a rua pegar a lotação das quatro, e para piorar seu estado, seu sapato já velho causou diversas bolhas.

Tião, como é mais conhecido, gosta muito do bairro e todos os sete filhos moram na região, viveram com muita dificuldade, o dinheiro era pouco para sustentar seus filhos, mas viveram sempre com dignidade.

Francisca diz sentir que está morrendo, assim como seus antigos vizinhos, e ela ressalta:

- “Agora são vocês moços que têm que continuar lutando pra melhorar o bairro, construir mais área de lazer para as criança que ficam “largadas” na rua, porque nós já fizemos nossa parte... Para um bairro que não tinha nada, olha como evoluiu”.

Essas recordações mostram como o Pimentas de “seus tempos” e de hoje não se confundem, mas se complementam, ainda que as transformações urbanas estejam criando um “novo” bairro. São lembranças repletas de imagens do bairro, uma fotografia, como comentou Francisca. Recordações que confundem e que ressaltam suas lutas e vidas em um bairro que estava começando e que hoje pode-se dizer uma cidade, segundo Tião.

### **Pimentas e suas imagens.**

A ideia inicial dessa reflexão imagética foi mostrar um Pimentas de “fora para dentro”, por isso nos ensaios fotográficos que realizei ou mesmo entre as fotos coletadas no arquivo histórico ou emprestada pelos meus interlocutores, selecionei em um primeiro momento as principais estradas que dão acesso ao bairro, visando enquadrar essa primeira vista que as pessoas “de fora” têm do bairro, as transformações urbanas, as casas que se destacam pelo aglomerado que formam, as cenas típicas que possuem seus significados próprios, como as roupas estendidas no varal são sinais que “hoje tem água da rua”, pois no bairro a distribuição de água é feita pela manhã e em dias alternados, por isso as roupas estendidas avisam pra quem chega depois que também pode lavar suas roupas, o carro das banho nos cachorros, lavar a calçada e etc; algumas cenas de brincadeira entre as crianças que compõem significativamente o cenário que busco narrar visualmente.



Posteriormente busquei imagens no sentido inverso, ou seja, de “dentro para fora”. São imagens familiares, porém busco com total esforço desnaturalizá-las e refletir sobre os seus significados, por exemplo, um menino brincando na rua pode passar despercebido num primeiro olhar desatento, entretanto é difícil não perceber como as ruas são apropriadas por essa modalidade de lazer.

São aspectos que podem passar despercebidos, contudo indicam estratégias de “lazer periférico” diante da ausência de equipamento e infra-estrutura urbana, como o futebol no domingo, o bate-papo das calçadas e os churrascos na laje. Por isso um olhar atento é indispensável nesse processo de desnaturalização e de construção etnográfica, afinal aquilo que aparentemente não se relaciona com fatos levantados na pesquisa, muitas vezes precisa apenas de um novo enquadramento. Como as feiras que atualmente estou pesquisando, depois de observar durante as “paradas para o pastel” de meus trabalhos de campo que esse um espaço que não se limita apenas ao ato de compra e venda, mas que permite diferentes experiências e apropriações da vida urbano-periférica.

Uma vez que, “fotografias apresentam o cenário no qual as atividades diárias, os atores sociais e o contexto sociocultural são articulados e vividos” (Bittencourt,2006: 198) nessa reconstrução “entre a imagem e a realidade que representa, existe uma série de mediações que fazem com que,ao contrário do que se pensa habitualmente, a imagem não seja a reconstituição, mas reconstrução” (Leite,2006: 40). Portanto, não posso acreditar que estou fotografando a realidade do bairro estudado, mas apresentando uma interpretação possível em um enquadramento previamente escolhido.

E como nos fala Boris Kossoy (2005) a reconstrução sempre implicará um *processo de criação de realidades*, posto que elaborada por meio de imagens mentais dos próprios receptores. Por isso as imagens que busco refletir não são apenas fotográficas, mas lembranças que descrevem visualmente o bairro e informa aspectos vividos e simbólicos da vida cotidiana e da memória coletiva que é construída, como o mapa simbólico que passa gerações e continua sendo mobilizado.

*“Nessas situações texto e imagens são absolutamente complementares, não por imaginar que o texto possa controlar a polissemia das imagens e por isso associar-se a elas com um caráter explicativo, mas por possibilitar entradas e construções diferentes dentro da temática trabalhada”* (Barbosa, 2009: 72)

Nesse sentido, a produção e análise de imagens foram instrumentos privilegiados de questões e provocamentos suscitados a partir do trabalho de campo, pois “As imagens que compõem o trabalho de campo se configuram tanto como modo de provocar como de expressar a pesquisa, situações que em alguns casos não seria possível somente com a escrita” (Barbosa, 2009: 72).

A participação na oficina de extensão realizada pela professora Andréa no âmbito do VISURB me auxiliou no exercício de análise das fotografias que estimulam a percepção visual e “habitua a enxergar na foto uma radiografia com sugestões de significados invisíveis que ultrapassam o enquadramento das suas dimensões” (Miriam, 2006: 43).

Durante os encontros interessantes questões foram levantadas, como áreas de lazer, questões ambientais, relação dos estudantes com a universidade, a escola e o entorno. As imagens produzidas contam um pouco da inserção da pessoa no bairro e me ajudam a pensar nessas relações, mostrando complexidades, distanciamentos e familiaridades, de um “Pimentas nos olhos não é refresco” como uma apropriação vivida e simbólica do bairro.

Afinal, como nos fala Antônio Arantes “assim como a antropologia, a fotografia tem um observador participante que escava detalhes e fareja com seu olhar o alvo e o objeto de suas lentes e de sua interpretação” (Arantes, 2000: 31-32)

### **“Periferia é periferia<sup>7</sup>? Mas de que periferia estamos falando”**

O Bairro dos Pimentas é destacado na cidade de Guarulhos, como periférico, principalmente por sua distancia da região central e pelas características de sua formação urbana, não muito distinta de outras localidades, ou seja, permeado [...] pela a venda a prestações de terrenos de baixo valor imobiliário, isto é, aqueles distantes ou localizados em áreas particularmente insalubres ou de topografia desfavorável, de difícil acesso, sem serviço públicos e, acesso, sem serviços públicos e, frequentemente, sem documentação legal” (Durham, 2004: 382).

Contudo, é preciso problematizar esse conceito, pois o bairro estabelece fortes relações de familiaridade com a Zona Leste Paulistana e menos com a cidade onde está inserido, como já comentamos, e está recentemente passando por intensas transformações urbanas que nos permitem desnaturalizar esse título periférico. Nesse sentido, é preciso problematizar como se denomina tal discriminação, ou seja, porque e para quem o bairro é periférico, como isso se define, realizando uma releitura do termo que foi forjado por uma visão social, política e econômica própria dos anos 70 e 80, nos quais o termo periferia se destacou nas ciências sociais e ganhou relevância no debate

---

7 Referência ao rap “periferia é periferia” Racionais M'CS.

acadêmico.

Os estudos empreendidos a partir dos anos 70 são influenciados pelo marxismo estruturalista que como aponta Frúgoli (2005) tornou-se bastante influente uma interpretação que tomava a cidade como uma “variável dependente” das determinações econômicas e políticas, distanciando-se assim das análises culturalistas influenciadas pela Escola de Chicago, que pautava questões sociais (como a marginalidade e a segregação) que tomava a cidade como “variável independente” das contingências estruturais.

Acentuada pelas intensas transformações urbanas, como o crescimento desordenado e a o advento da industrialização, a cidade aparece como questão, como nos inspira Vera Telles, com base em um conjunto de questões que circulavam entre os fóruns do debate político com “noções (e pares conceituais) que circulavam, se articulavam e se compunham em proposições formuladas nas pesquisas e ensaios que então tratavam da moradia popular e os processos de periferização urbana, que discutiam as relações entre desigualdades urbanas e relações de classe, entre migração e pobreza urbana, entre reprodução social e Estado” (Telles, 2006: 37).

Como apontam Eduardo Marques e Renata Bichir (2001), as análises sociológicas e urbanísticas produzidas entre 1970 e 1980 podem ser interpretadas a partir da mobilização de mecanismos estruturais ou de natureza econômica, ou ainda, fazendo referência ao comportamento econômico dos agentes. Para estes autores, foram as pesquisas antropológicas e outros estudos voltados para o nível micro, ou seja, as relações cotidianas, os aspectos simbólicos, estratégias de vivência dessas interações que complexificaram o olhar para a periferia.

Durante muito tempo as empresas eram as principais responsáveis pelas moradias que eram vendidas ou alugadas aos seus operários, mas com a intensificação da industrialização, aumento de trabalhadores e a valorização dos terrenos próximos das indústrias, as vilas operárias perderam sua viabilidade econômica e as empresas cessaram suas construções. Desde então, a moradia passou a ser uma responsabilidade do Estado e do indivíduo. O último buscando alternativas economicamente viável passou a residir os cortiços e auto-construir suas casas em lotes da nascente periferia, ou seja, “aglomerados distantes dos centros, clandestinos ou não, carentes de infraestrutura, onde passa a residir crescente quantidade de mão-de-obra necessária para fazer girar a maquinaria econômica” (Kowarick, 1979: 31). A periferia, portanto, era entendida como o território da espoliação urbana, isto é, da sistemática exclusão das classes trabalhadoras ao acesso aos serviços de consumo coletivo.

Além disso, a década de 40 foi marcada pela crise da habitação provocada pela crise

econômica associada à Segunda Guerra Mundial provocando, segundo Eunice Durham, o congelamento dos aluguéis e a proteção jurídica que o inquilino deixou de ser lucrativo “abriu-se então um novo negócio: a venda a prestações de terrenos de baixo valor imobiliário, isto é, aqueles distantes ou localizados em áreas particularmente insalubres ou de topografia desfavorável, de difícil acesso, sem serviços públicos e, acesso, sem serviços públicos e, frequentemente, sem documentação legal” Dessa maneira, como refletiu a autora “vendeu-se junto com o lotes, o sonho da casa própria, que passou a ser aspiração generalizada das classes populares” (Durham: 2004, 382) o lotes na periferia eram acessíveis aos trabalhadores tanto em função de sua ilegalidade quanto porque estavam “no meio do mato”, com precariedade em serviços de transporte público, saneamento e etc.

Com a expansão industrial surgem trilhas ferroviárias, rodovias e pequenos núcleos industriais, movimento no qual Guarulhos se inclui. Kowarick ressalta que na medida em que esses núcleos se expandiram passaram a criar sua própria “periferia”. Não a toa, o Bairro dos Pimenta expressa esse movimento, pois tem seu desenvolvimento urbano influenciado por essas questões. Era muito comum no bairro estudado a compra coletiva de lotes, ou seja, irmãos, colegas ou parentes compravam um lote que na época o dobro do tamanho dos que são vendidos hoje, no nome de uma pessoa e dividiam o terreno e pagavam juntos. Alguns terrenos antigos, são quase condomínios residenciais, pois os filhos foram construindo em cima, nos fundos e etc. E muitos não foram desagregados o que causa muitas brigas quando morre um dos “sócios”.

A periferia ficou conhecida como espaço urbano ocupado prioritariamente pela população de baixa renda e migrantes recém-chegados, e pelos problemas de infra-estrutura urbana, distancia do centros urbano, violência, auto-construção e outras carências que tornavam o solo mais barato e acessível. Todavia, com o passar do tempo nota-se que “há um aumento da densidade populacional e a prefeitura tende a estender os serviços públicos, valorizando os terrenos. As residências incompletas e precárias do início do povoamento ganham uma série de reformas, melhorias e ampliações. A cidade engole a periferia, que se recria numa nova fimbria” (Durham: 2004,388)

Entretanto, novos estudos que fugiram da abordagem “macroestrutural” perceberam que há na periferia o encontro de inúmeros sentidos, como de processo pelos seus próprios habitantes, provoca assim uma visão diferencial e histórica dos bairros da cidade, e a localização dos habitantes ali correlacionada com sua posição na sociedade e com sua perspectiva de melhoria progressiva” ((Durham: 2004, 388)

Esse “mergulho quase antropológico na direção o nível micro, à procura dos atores,

destacando o cotidiano, a experiência e a construção de identidades como base de ações coletivas e mobilizações” (Marques; Bichir, 2001: 11) no qual periferia revelava-se não apenas um lugar urbano marcado pela distância das áreas mais centrais, pela pobreza e pela carência de equipamentos coletivos, mas também pelas múltiplas relações de sociabilidade, modos de vivência e experiência.

E nem mesmo a população que residia nesses bairros era a mesma, pois com a realização de atividades comerciais, industriais ou de prestação de serviços a população que era majoritariamente pobre obteve um significativo crescimento em sua renda. Além disso a periferia também ganhou novos moradores com a vinda da classe média das áreas centrais do município que sofreram alguma perda financeira ou até mesmo devido ao aumento no valor do solo urbano nas áreas centrais do município (Caldeira: 2003)

Sobre esse assunto Teresa Caldeira observou que

“sobrepostas ao padrão centro-periferia, as transformações recentes estão gerando espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns. O principal instrumento desse novo padrão de segregação espacial é o que chamo de “enclaves fortificados”. Trata-se de espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho. A sua principal justificativa é o medo do crime violento” (Caldeira, 2003: 211)

Haroldo Torres e Maria Aparecida de Oliveira destacam que a oferta e ausência de equipamentos e serviços públicos básicos não servem mais como chaves explicativas da segregação espacial na cidade de São Paulo, houve inclusive ampliação dos serviços públicos, especialmente saneamento e educação, principalmente pela mobilização dos moradores que se organizaram para reivindicar melhorias para o bairro. Tais movimentos sociais mobilizava o modelo centro-periferia em suas negociações, falas e protestos “esses movimentos influenciaram a ação administração local não só na criação de serviços públicos e de infra-estrutura urbana, mas também na transformação do status legal da periferia” (Caldeira, 2003: 239).

Nos Pimentas, essa relação é bem nítida nas reivindicações populares a a gestão do petista Elói Pietá que teve bons índices de popularidade entre os moradores dos Pimentas, pois o e ex-prefeito é considerado o administrador que mais olhou para o bairro e que realizou significativas reformas, asfaltos e construção de serviços públicos como creches e escolas infantis. Foi nessa

gestão também que se construiu o campus de humanidades da Unifesp, o Hospital Pimentas e o Trevo de Bonsucesso que tem agregado novas dinâmicas na região.

São Paulo continua segregada, mas diversos processos transformaram o padrão de distribuição de grupos sociais que já não podem mais ser separados na chave centro-rico X periferia -pobre. Até porque as periferias tiveram investimentos públicos e acabaram se tornando um espaço atraente para as classes médias, os terrenos estão mais valorizados e os mais pobres, aqueles que lutaram pela chegada da infra-estrutura, são os mais prejudicados, pois acabam migrando com o encarecimento do custo de vida. Diferentes classes estão no mesmo espaço físico, porém separados por barreiras de segurança, como destacou Caldeira.

Por essas e outras razões é possível falar em periferia no plural e segundo Torres e Oliveira ao analisarem quatro imagens da periferia paulistana em 2001, Guarulhos é um exemplo dessas questões, pois o município está se expandido de forma acentuada, isto é, vivencia uma urbanização extensiva, um processo de incorporação horizontal de áreas rurais adjacentes ao núcleos urbanos, entretanto este é um conceito caro ao urbanismo brasileiro e por isso pouco utilizado. Esse processo é incentivado pelo fácil acesso as rodovias Dutra e Ayrton Senna, pela existência de um mercado de trabalho significativo e pelo dinâmico setor de serviços que tem sido implantado no complexo aeroportuário de Cumbica.

Mesmo reconhecendo que a periferia metropolitana continua a se expandir horizontalmente, os autores refletem até que ponto essa periferia é similar à descrita pela literatura dos anos 70 e 80, e aí nos vem uma grata surpresa, eles mencionam o Bairro dos Pimentas para indagarem essas relações.

Inicialmente descrevem as características das moradias do bairro, sem reboco, precariamente construída e em contínua construção, porém com ruas asfaltadas, escolas públicas, luz elétrica e água encanada. Sem dúvidas houve uma significativa ampliação dos serviços públicos básicos, mas, todavia, “é ingênuo supor que o investimento público em si seja capaz de eliminar a segregação” (Torres; Oliveira, 2001: 66). A segregação se manifesta de outras maneiras como a ausência ou precariedade dos empregos, precária condição de ensino nas escolas, entre outros aspectos que nos fazem pensar se o investimento em si é capaz de eliminar a segregação e o imaginário social que reconhece a periferia por suas “ausências”, pois, conforme os autores “as ruas podem ser asfaltadas, o esgoto pode estar lá, mas aquela sensação de carência continua” ((Torres; Oliveira, 2001: 97).

De 2005 pra cá o Pimentas mudou muito, esse rápido processo de transformação provocados

pos investimentos públicos, como o Hospital e a UNIFESP, por exemplo e privados como a instalação de banco e o Shopping Bonsucesso, estão dando uma nova cara ao mesmo e tornaram a JK, principal avenida da região, em um espaço privilegiado com uma forte e intensa atividade comercial e que está de alguma maneira afastando a população mais antiga que residia ali para áreas mais distantes, com um menor custo de vida, como era a região antigamente, e com mais tranquilidade.

O bairro está crescendo não apenas horizontalmente, mas verticalmente e junto com esse processo que é muito mais amplo e complexo, há o tencionamento das suas identidades e a construção de novas configurações simbólicas e espaciais nas quais os moradores tem sido provocados constantemente a pensar e agir. O Pimentas ainda é visto como periférico por muito moradores, mesmo muitas vezes não usando esse termo diretamente ao contrário de alguns movimentos sociais que se apropriam politicamente desse rótulo para reivindicar políticas públicas para o entorno e pelos novos “outros” que passaram a residir nos Pimentas devido o ingresso na Unifesp que não apenas se referem ao bairro dessa forma, mas agregam valores negativos as suas falas. Mas ao mesmo tempo é valorizado pelas constantes transformações, pelas relações vividas daqueles que enxergam novas oportunidades com esse crescimento, pelas memórias tecidas no bairro e pelas redes de sociabilidade e familiaridade entre seus moradores mais antigos.

Nesse sentido, recoloco a questão inicial desse capítulo, afinal de que periferia estamos falando? E foi por essas razões que adotei aspas no título dessa monografia ao usar o termo periferia, pois é preciso desnaturalizar os termos dicotômicos *Centro X Periferia* e voltar à atenção para a fluidez e ambiguidade dos marcos espaciais e da apropriação que os atores sociais fazem deles, principalmente nas relações vividas e compartilhadas pelos moradores que, no nosso caso, se relacionam com a leste paulistana, também destacada como periférica, porém mais próxima e com relações identitárias mais expressivas. E a recente configuração de uma centralidade no interior do próprio bairro, também coloca em xeque essa periferia distante do centro e ausente de infraestrutura.

### **Ainda outras questões**

Embora, nem toda área periférica seja necessariamente pobre, no imaginário social, a periferia é o *locus* da exclusão e da segregação social por excelência, está relegada ao atraso, miséria, e possui intenso tráfico de drogas, sem contar na violência e etc.

Não podemos negar que há ineficiência de equipamentos urbanos e ausência da ação social

do Estado e benefícios de saneamento básico, pavimentação, educação e saúde, na maioria dos bairros periféricos. Contudo, é importante desconstruir esse lugar comum que eles ocupam e questionar até que ponto a carência dá conta de definí-los. Questionar também, os estigmas que os moradores carregam e que são constatemente acusados.

Além de problematizar essa visão, a pesquisa apresentada buscou, através de uma retomada da memória do bairro, compreender não apenas porque as pessoas chegaram até aqui, mas por quais motivos permanecem. Notei que essa permanência está ligada à relação de familiaridade e sociabilidade que é construída no bairro, pois são relações que dão sentido as suas vidas e tornam “menos dura” e prazerosa a vida em um bairro que por ser periférico é marcado por inúmeras carências.

Relativizando o próprio conceito de periferia, observei que se por um lado Guarulhos estabelece uma relação ora "periférica, simples alongamento ou privilegiada com a metrópole", os Bairros dos Pimentas reorganizam esta relação no interior do próprio município e estabelecem suas próprias relações com São Paulo, principalmente com a zona Leste.

Entretanto, as transformações urbanas que o bairro vem vivenciando estão construindo outras relações de centralidade, uma vez que para ir ao banco, por exemplo, os moradores não precisam se deslocar aos bairros paulistanos vizinhos ou até o centro.

A importância do Pimentas se faz sentir nas lembranças não como entidade abstrata, mas como experiência de vida. Durante a pesquisa, notamos diversas manifestações que mostram como os moradores dos Pimentas criam seus próprios espaços de lazer e sociabilidade e ao contrário do que muitos falam “aqui” tem muita coisa para se fazer.

Dialoguei com vários moradores antigos do bairro e alguns deram depoimentos muito reveladores para essa pesquisa. Suas recordações mostram como o Pimentas de “seus tempos” e de hoje não se confundem, mas se complementam, ainda que as transformações urbanas estejam criando um “novo” bairro. São lembranças repletas de imagens do bairro, quase uma fotografia, como comentou Francisca. Permeadas de recordações que confundem e que ressaltam suas lutas e vidas em um bairro que estava começando e que hoje se pode dizer uma cidade, segundo Antônio.

Entretanto, muitos moradores enxergam os Pimentas como um bairro provisório e assumem uma postura crítica e até pré-conceituosa com os outros moradores, manifestações de lazer e sociabilidade. São pessoas que compartilham uma imagem do “Pimentas que não tem nada”.

Porém como destaca Massey “o que dá a um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular” (Massey, 2000: 184). O



Cursinho Comunitário Pimentas exemplifica essas relações, trata-se de um movimento protagonizado por sujeitos que apresentam não apenas questões, mas soluções, como o que promove através de uma rede de solidariedade a inclusão de jovens pobres na universidade públicas do estado.

Em suma, o Pimentas é um bairro que possui muitas histórias, divide sentimentos e que vêm se transformando a cada dia seus moradores estão inseridos em relações sociais, compartilham da memória do bairro e vivenciam essas mudanças. Estão inseridos em tramas cotidianas que especificam sua vida na região e ao contrário do que imaginam, no Pimentas tem muita coisa para fazer e para se fazer, depende do grau de atenção que se dá a elas.

As imagens enquanto instrumento, metodologia e expressão de questões pertinentes buscam mostrar como o bairro, como espaço urbano, é construído e re-construído a cada dia e apropriado de diferentes maneiras.

Por essas razões, não podemos tomar o Pimentas apenas como um espaço geográfico, caracterizado apenas pela estrutura física ou definições político-administrativas, mas como uma construção humana que carrega sentidos, experiências e trocas, nas relações sociais vividas e simbólicas.

### **Bibliografia**

AGIER, Michel. Lugares e redes - as mediações da cultura urbanas. IN: NIEMEYER, Ana Maria; GODOI, Emília Pietrafesa. *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*. Campinas: Mercados de Letras, 1998.

ANDRADE, Rosane. *Fotografia e antropologia: olhares fora - dentro*. São Paulo: Educ, 2002.

AGUIAR, Ana Lúcia de Oliveira. "Os Bolivianos na Periferia de Guarulhos". São Paulo: Relatório Pibic- CNPq, 2009. (Mimeo)

ALVARENGA, Clarisse Castro e HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. "De dentro do bagulho": o vídeo na partir da periferia" In: *Sexta Feira*, São Paulo: Editora 34, v. p. 183 – 204, 2006.

ALVES, Juliana Falivene *Metrópoles Cidadania e Qualidade de vida* São Paulo: Editora Moderna , 1992.

ARANTES, Antonio. *Paisagens Paulistanas*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

\_\_\_\_\_. *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.

AUGÉ, Marc. *Não- lugares – introdução a super-modernidade*. Campinas: Travessia do século,

1991.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009.

BARBOSA, Andréa. “Significados e sentidos em textos e imagens” IN: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009.

BARBOSA, Andréa e CUNHA, Edgar Teodoro. *Antropologia e imagem*. São Paulo: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. "Periferia, cinema e violência" In: *Sexta Feira*, São Paulo: editora 34, v. p.204 – 210, 2006.

\_\_\_\_\_. "Olhar, ver e enxergar a cidade de São - Paulo através de imagens" IN: *São Paulo: Cidade Azul*. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 2003.

BICUDO, Hélio. *Guarulhos: Formação de uma metrópole*. São Paulo: CDH, 1998.

BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica IN: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.)

*Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2 Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1996.

CYMBALISTA, Renato. “O lugar onde as pessoas chegam antes da cidade” in: “Periferia” *Sexta Feira*, São Paulo: Editora 34, v. p. 44-51, 2006.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A casa & a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora brasiliense, 1997.

DARBON, Sébastien. “O etnologo e suas imagens” IN: SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac, 2005.

DOMINGUES, Álvaro. *(Sub)úrbios e (sub)urbanos- mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?* IN: Revista da Faculdade de Letras- Geografia. I Série, Vol. X/XI, Porto, 1994, pp.5-18.

DURHAM, Eunice Ribeiro. *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2004.

FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam Moreira (orgs). *Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papirus, 2006.

FRUGOLI, Heitor. *Centralidade em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.

\_\_\_\_\_. Urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”. *Revista de Antropologia*,

v. 48, no 1, São Paulo, jan-jun/2005, p. 107- 124.

FRUGOLI, Heitor e ANDRADE, Luciana Teixeira e PEIXOTO, Fernanda Arêas (orgs). *A Cidade e seus Agentes. Práticas e Representações*. Belo Horizonte: Edusp, 2006.

GALANO, Ana Maria “Iniciação à pesquisa com imagens” IN: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam Moreira (orgs). *Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papyrus, 2006.

GEERTZ, Clifford.”O dilema do Antropólogo entre 'estar lá' e 'estar aqui'. IN: *Cadernos de campo*. São Paulo, v. 7, n. 8, p. 205-238, 1998.

GUPTA, Akhil e Ferguson, James "Mais Além da "Cultura": espaço, identidade e política da diferença" IN: ARANTES, Antonio. *O espaço da diferença*. São Paulo: Papyrus, 2000.

GURAN, Milton “Fotografar para descobrir, fotografar para contar” IN: *Cadernos de Antropologia e Imagem*. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 155-165, 2000.

KOSSOY, Boris. “Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia” IN: SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac, 2005.

\_\_\_\_\_. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Escritos Urbanos*. São Paulo: Editora 34, 2000.

LEITE, Miriam Lifctiz Moreira “Texto visual e texto verbal” IN: FELDMAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam Moreira (orgs). *Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas Ciências Sociais*. Campinas: Papyrus, 2006.

MACDOUGALL, David. “Significado e ser” IN: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papyrus, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor e LUCCA, Lilian (orgs.) *Na Metrópole*. São Paulo: Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. “Quando o campo é a Cidade: Fazendo Antropologia na Metrópole” IN: MAGNANI, José Guilherme Cantor e LUCCA, Lilian (orgs.) *Na Metrópole*. São Paulo: Edusp, 2008

\_\_\_\_\_. "Trajetos e trajetórias- uma perspectiva da antropologia urbana" IN: *Sexta Feira*, São Paulo: Editora 34, v. p.30 – 43, 2006.

\_\_\_\_\_. *Festa no Pedaco*. São Paulo: editora Hucitec, 2003.

\_\_\_\_\_. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana." *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

\_\_\_\_\_. “Transformações na Cultura Urbana das Grandes Metrôpoles” IN: *Sociedade Global*:

*Cultura e Religião*. Moreira, Alberto da Silva (org). São Paulo: Vozes, 1998.

MARESCA, Sylvain. “Olhares cruzados. Ensaio comparativo entre as abordagens fotográfica e etnográfica” IN: SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac, 2005.

MARQUES, Eduardo C. & BICHIR, Renata M. “Investimentos públicos, infra- estrutura urbana e produção da periferia em São Paulo”. Espaço e Debates, no 42, São Paulo, Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos – NERU, 2001. p. 9-30

MASSEY, Dorenn. “Um sentido global do lugar” IN: ARANTES, Antonio. *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.

MONTES, Maria Lúcia. “Prosfácio” In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e LUCCA, Lilian (orgs.) *Na Metrópole*. São Paulo: Edusp, 2008

NASCIMENTO, Érica Peçanha. A periferia de São Paulo: Revendo o conceito, atualizando o debate. Comunicação 33 Encontro anual da Anpocs.

NOVAES, Sylvia Caiuby.”O uso da imagem na antropologia” IN: SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac, 2005.

\_\_\_\_\_ “Imagem e ciências sociais: Trajetória de uma relação difícil” IN: BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar Teodoro; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papirus, 2009.

OLIVEIRA, Marcel Nahu "A Avenida Paulista: a Produção de uma Paisagem de Poder". IN: ARANTES, Antonio. *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.

Periferia revisitada. Espaço e Debates, no 42, São Paulo, Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos – NERU, 2001.

RANALI, João. *Repaginado a História*. São Paulo: Soge, 2002.

ROLNICK, Raquel; BONDUKI, Nabil. “Periferia da grande São Paulo: Reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho” IN: MARICATO, Erminia (orgs) A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.

SÁ, Wilson Cardozo de. “Pimentas tem o maior número de habitantes”. *Jornal Folha Metropolitana*, Guarulhos, 08 dez de 2006. Caderno F14. p13-14

SACKS, Oliver. Um antropólogo em Marte. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

SAMAIN, Etienne. "Balinese Character Revisitado" IN: Alves, André. *Os Argonautas do Mangue*. Campinas: Editora Unicamp. São Paulo: Imprensa Oficial. 2004.

SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac, 2005.

- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Identidade Urbana e Globalização - a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP*. São Paulo: Annablume/SINPRO-Guarulhos, 2007.
- SIMSON, Olga Rodrigues M. Von. “Imagem e memória” IN: SAMAIN, Etienne (org). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora Hucitec/Editora Senac, 2005.
- SOUZA, M. A. A. de. Conexões geográficas: um ensaio metodológico. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 71, p. 113-127, 1992.
- TORRES, Haroldo; OLIVEIRA, Maria Aparecida. “Quatro imagens da periferia paulistana”. IN: *Periferia Revisitada. Espaço e Debates*, no 42, São Paulo, Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos – NERU, 2001. p. 64-69
- TELLES, Vera da Silva “Debates: A cidade como questão” IN: Telles, Vera da Silva; Cabanes, Robert (orgs). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo, Humanitas, 2006.
- \_\_\_\_\_. “Itinerários da pobreza e da violência”. *Sexta-feira*, no 8, São Paulo, Ed. 34, 2006, p.106-110.
- VELHO, Gilberto. "Observando o familiar" IN: *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Projeto e Metarmofose. Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- \_\_\_\_\_. (org). *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A utopia urbana – um estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- VELHO, Gilberto e KUSCHINIR, Karina (orgs.) *Pesquisas Urbanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- VIANNA, Hermano. “Paradas do Sucesso Periférico” IN: *Sexta Feira*, São Paulo: Editora 34, v. p. 19– 29, 2006
- WEICK, Andréa Croso et al. “Tendências recentes da expansão metropolitana e intra-municipal: o papel da migração no caso do município de Guarulhos – SP”. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Minas Gerais: 2002 Disponível em: [http://.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT\\_MIG\\_PO45\\_Weick\\_texto.pdf](http://.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/GT_MIG_PO45_Weick_texto.pdf)
- ZUKIN, Sharon. “Paisagens urbanas pós modernas: mapeando cultura e poder” IN: ARANTES, Antonio. *O espaço da diferença*. São Paulo: Papyrus, 2000.

## **Artigos de Jornal**

- <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/02/16/ult5772u2947.jhtm>

## **Filmes assistidos**

- Boca de Lixo**, direção Eduardo Coutinho. São Paulo, Brasil, 1993, cor, 80 min.
- Cinema de quebrada**, direção Rose Satiko Gitirana Hikiji. São Paulo, Brasil, 2009, cor, 47 min.

## Anexo 01

### Mapa de Guarulhos



Fonte: WEBGeo - Sistema de Informação Geográfica do Município de Guarulhos

Extensões: XMin:331126.92 - YMin:7397758.71 - XMax:368884 - YMax:7427248.09